

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ATUÁRIA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

PEDRO HENRIQUE SILVA ALVES

**ATRIBUTOS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS DAS ESCRAVARIAS
UNITÁRIAS: GUARATINGUETÁ E CAMPINAS, 1809**

**SÃO PAULO
2022**

PEDRO HENRIQUE SILVA ALVES

**ATRIBUTOS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS DAS ESCRAVARIAS
UNITÁRIAS: GUARATINGUETÁ E CAMPINAS, 1809**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. José Flávio Motta

**SÃO PAULO
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Alves, Pedro Henrique Silva.

Atributos Demográficos e Econômicos das Escravarias Unitárias:
Guaratinguetá e Campinas, 1809 – São Paulo, 2022.

90 páginas.

Área de concentração: História Econômica

Orientador: Pr. Dr. José Flávio Motta

Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Faculdade de
Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São
Paulo

1. Escravidão; 2. Estrutura de Posse; 3. Economia da Escravidão; 4.
Demografia Histórica

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos e todas que contribuíram na minha caminhada até aqui, em especial:

A Deus e ao Universo, que me conduziram ao longo do árduo e prazeroso caminho que venho traçando desde o ensino médio;

A minha família, que, mesmo à distância, nunca deixou de acreditar em mim;

Aos amigos que fiz ao longo da graduação, que foram fundamentais para minha motivação e meu crescimento;

Aos amigos que fiz na *Enactus*, que sempre estiveram ao meu lado e mostraram que o mundo era bem maior do que parecia;

Ao meu companheiro de vida, pelo apoio incondicional e pelas palavras sempre em boa hora; e

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Flávio Motta, por todos os ensinamentos transmitidos ao longo desses quatro anos de trabalho conjunto.

RESUMO

Considerando o consenso da literatura de estrutura de posse acerca da predominância das escravarias miúdas sobre a estrutura de *plantation* no Brasil colonial e o destaque modal dos plantéis com um único elemento, a pesquisa proposta partiu das Listas Nominativas de Habitantes para documentar e caracterizar a estrutura de posse e perfil dos domicílios e agentes em Guaratinguetá e Campinas no ano de 1809 das perspectivas econômica e demográfica, com enfoque nos domicílios com escravarias unitárias. Além do trabalho descritivo, foram realizadas inferências sobre a produtividade e o emprego da mão de obra livre. Verificou-se que nas duas localidades estudadas as escravarias unitárias eram o tamanho mais frequente de plantel, e que os atributos demográficos e econômicos da estrutura de posse e dos senhores e escravizados variavam, em grande parte, conforme a localidade.

Palavras Chave: Escravidão; Estrutura de Posse; Economia da Escravidão; Demografia Histórica.

Classificação JEL: D31, J10, N36, N96

ABSTRACT

Considering the consensus in the slave ownership structure literature about the predominance of small groups of slaves over the plantation pattern in colonial Brazil and the modal emphasis of single-element groups, the proposed research started from the Name Lists of Inhabitants to document and characterize the structure of slave ownership and profile of households and agents in Guaratinguetá and Campinas in 1809 from the economic and demographic perspectives, with a focus on households with just one slave. In addition to the descriptive work, inferences were made about the productivity and employment of free labor. It was found that in the two studied localities, unitary slaves were the most frequent size of slave groups, and that the demographic and economic attributes of the slave ownership structure and of masters and slaves varied, mostly, according to the locality.

Keywords: Slavery; Slave Ownership Structure; Slavery Economics; Historical Demography.

JEL Classification: D31, J10, N36, N96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da população por sexo e condição social – Guaratinguetá (1809) ..	24
Tabela 2 – População escravizada por sexo e cor – Guaratinguetá (1809).....	25
Tabela 3 – Distribuição das ocupações principais e acessórias – Guaratinguetá (1809)	27
Tabela 4 – Principais gêneros agrícolas produzidos – Guaratinguetá (1809).....	28
Tabela 5 – Participação dos fogos sem escravizados na produção total – Guaratinguetá (1809)	30
Tabela 6 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Guaratinguetá (1809) .	31
Tabela 7 – Frequência de proprietários brancos por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Guaratinguetá (1809).....	36
Tabela 8 – Frequência de proprietárias por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Guaratinguetá (1809).....	37
Tabela 9 – Frequência de escravizados por origem, sexo e cor – Guaratinguetá (1809).....	38
Tabela 10 – Frequência de escravizados crioulos por FTP, faixa de idade e sexo – Guaratinguetá (1809).....	39
Tabela 11 – Frequência de escravizados africanos por FTP, faixa de idade e sexo – Guaratinguetá (1809).....	40
Tabela 12 – Distribuição da população residente em fogos com apenas um escravizado por sexo e condição social – Guaratinguetá (1809)	41
Tabela 13 – Distribuição das ocupações principais e acessórias dos fogos com um escravizado – Guaratinguetá (1809)	42
Tabela 14 – Gêneros agrícolas produzidos nos fogos com um escravizado – Guaratinguetá (1809)	43
Tabela 15 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Guaratinguetá (1809) ..	43
Tabela 16 – Frequência de proprietários por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Guaratinguetá (1809).....	44
Tabela 17 – Frequência de escravizados por origem, sexo e cor – Guaratinguetá (1809)...	46
Tabela 18 – Frequência de escravizados crioulos por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Guaratinguetá (1809).....	47
Tabela 19 – Frequência de escravizados crioulos por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Guaratinguetá (1809)	48
Tabela 20 – Média e desvio padrão da produção por gênero e sexo do escravizado – Guaratinguetá (1809).....	50
Tabela 21 – Frequência de moradores livres (exceto chefe do fogo) por faixa de idade, sexo, cor e sexo do proprietário – Guaratinguetá (1809).....	53
Tabela 22 – Distribuição da população por sexo e condição social - Campinas (1809)	58

Tabela 23 – Distribuição das ocupações principais e acessórias – Campinas (1809).....	61
Tabela 24 – Principais gêneros agrícolas produzidos – Campinas (1809)	62
Tabela 25 – Participação dos fogos sem escravizados na produção total – Campinas (1809)	63
Tabela 26 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Campinas (1809).....	64
Tabela 27 – Frequência de proprietários brancos por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Campinas (1809)	69
Tabela 28 – Frequência de proprietárias viúvas por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Campinas (1809)	70
Tabela 29 – População escravizada por sexo e cor – Campinas (1809)	71
Tabela 30 – Frequência de escravizados por FTP, faixa de idade e sexo – Campinas (1809)	71
Tabela 31 - Distribuição da população residente em fogos com apenas um escravizado por sexo e condição social – Campinas (1809)	73
Tabela 32 – Distribuição das ocupações principais e acessórias dos fogos com um escravizado – Campinas (1809)	73
Tabela 33 – Gêneros agrícolas produzidos nos fogos com um escravizado – Campinas (1809)	74
Tabela 34 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Campinas (1809).....	75
Tabela 35 – Frequência de proprietários por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Campinas (1809)	76
Tabela 36 – Frequência de proprietários por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Campinas (1809)	77
Tabela 37 – Frequência de escravizados por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Campinas (1809)	78
Tabela 38 – Frequência de escravizados por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Campinas (1809)	79
Tabela 39 – Média e desvio padrão da produção por gênero e sexo do escravizado – Campinas (1809)	80
Tabela 40 – Frequência dos outros moradores por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Campinas (1809)	82
Tabela 41 – Distribuição das ocupações principais dos fogos com um escravizado – Guaratinguetá e Campinas (1809)	86
Tabela 42 – Produtividade média (PM) por ocupação e tipo de domicílio – Guaratinguetá e Campinas (1809)	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmides etárias por faixas de idade, livres e escravizados* - Guaratinguetá (1809)	26
.....	
Figura 2 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP – Guaratinguetá (1809).....	32
Figura 3 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP, segundo a ocupação principal – Guaratinguetá (1809).....	34
Figura 4 – Produção dos domicílios, por gênero alimentício, sexo e idade do escravizado – Guaratinguetá (1809).....	51
Figura 5 – Produção de milho e feijão por habitantes livres (exceto chefe do fogo) – Guaratinguetá (1809).....	55
Figura 6 – Produção de algodão e arroz por habitantes livres (exceto chefe do fogo) – Guaratinguetá (1809).....	56
Figura 7 – Pirâmides etárias por faixas de idade, livres e escravizados – Campinas (1809)	60
Figura 8 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP – Campinas (1809)	65
Figura 9 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP, segundo a ocupação principal – Campinas (1809)	66
Figura 10 – Produção dos domicílios, por gênero alimentício, sexo e idade do escravizado – Campinas (1809)	81
Figura 11 – Produção de feijão e milho por habitantes livres (exceto chefe do fogo) – Campinas (1809)	83
Figura 12 - Distribuição de fogos e escravizados por FTP – Guaratinguetá e Campinas (1809)	85

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
2.1	HISTORIOGRAFIA E ESTRUTURA DE POSSE.....	13
2.2	HISTORIOGRAFIA E ESCRAVARIAS UNITÁRIAS	16
2.3	CONJUNTURA ECONÔMICA DE CAMPINAS E GUARATINGUETÁ NO PERÍODO ANALIZADO.....	18
2.4	LISTAS NOMINATIVAS DE HABITANTES.....	20
3	FONTES E METODOLOGIA.....	22
4	GUARATINGUETÁ: INFORMAÇÕES GERAIS, ESTRUTURA DE POSSE E ESCRAVARIAS UNITÁRIAS	24
4.1	INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS GERAIS DE GUARATINGUETÁ.....	24
4.2	INFORMAÇÕES ECONÔMICAS GERAIS DE GUARATINGUETÁ	27
4.3	ESTRUTURA GERAL DA POSSE DE ESCRAVIZADOS EM GUARATINGUETÁ	32
4.3.1	OS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVIZADOS EM GUARATINGUETÁ.....	35
4.3.2	OS ESCRAVIZADOS EM GUARATINGUETÁ	38
4.4	OS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIAS UNITÁRIAS EM GUARATINGUETÁ.....	41
4.4.1	OS PROPRIETÁRIOS DE UM ESCRAVIZADO EM GUARATINGUETÁ.....	44
4.4.2	OS ESCRAVIZADOS SOLITÁRIOS EM GUARATINGUETÁ.....	46
4.4.3	OS OUTROS MORADORES DOS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIAS UNITÁRIAS EM GUARATINGUETÁ	52
5	CAMPINAS: INFORMAÇÕES GERAIS, ESTRUTURA DE POSSE E ESCRAVARIAS UNITÁRIAS.....	58
5.1	INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS GERAIS DE CAMPINAS	58
5.2	INFORMAÇÕES ECONÔMICAS GERAIS DE CAMPINAS.....	60
5.3	ESTRUTURA GERAL DA POSSE DE ESCRAVIZADOS EM CAMPINAS	64
5.3.1	OS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVIZADOS EM CAMPINAS	68
5.3.2	OS ESCRAVIZADOS EM CAMPINAS.....	70
5.4	OS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIAS UNITÁRIAS EM CAMPINAS.....	72

5.4.1	OS PROPRIETÁRIOS DE UM ESCRAVIZADO EM CAMPINAS	75
5.4.2	OS ESCRAVIZADOS SOLITÁRIOS EM CAMPINAS	77
5.4.3	OS OUTROS MORADORES DOS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIA UNITÁRIA EM CAMPINAS.....	81
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

Na historiografia econômica recente, o estudo da demografia histórica do Brasil tem sido objeto de destaque. Com base em fontes documentais, sejam elas arquivísticas, cartoriais ou religiosas (e.g. recenseamentos, inventários e registros de casamentos), tem-se avançado no sentido de um melhor entendimento de como se organizou a sociedade brasileira no decorrer de sua história.

Através de estudos empíricos empreendidos, os autores puderam produzir com mais precisão e abordar temas até então inexplorados. Entre eles, figura a temática da estrutura da posse de escravizados¹, desenvolvida pioneiramente por Luna (1981) em sua tese *Minas Gerais, escravos e senhores*. Sua análise, que tinha como enfoque os tamanhos dos plantéis nas localidades estudadas, ganhou grande importância junto aos demais atributos da análise demográfica, corroborando para a plena compreensão da população escravizada e suas características estruturais, não só nos trabalhos de Luna, mas de toda uma gama de autores que viriam após ele (KLEIN, 2009).

Para Klein (2009), professor do Departamento de História da Universidade de Stanford, o trabalho pioneiro de Luna inaugurou o que ele denominou Plantel School na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP): o conjunto de pesquisas e publicações que tinham como elemento central a análise da estrutura de posse de escravizados.

Dentre as diversas contribuições de Luna e dos demais membros da Plantel School, uma que merece destaque é a constatação de que, diferentemente da noção trazida da historiografia tradicional, o tipo de escravista que predominava no Brasil dos séculos XVIII e XIX era aquele com poucos indivíduos em seu plantel, e o escravizado típico era aquele não inserido diretamente no contexto de produção monocultura-exportadora, conforme apontado por Motta et. al. (2004). Verificou-se, ainda, que em diversos estudos para localidades distintas, inclusive no de Luna (1981), a presença de escravarias unitárias, ou seja, com apenas um elemento, era reportada como sendo proeminente.

¹ Este trabalho utilizará o termo “escravizado” para tratar do indivíduo privado de sua liberdade, quando as ideias e produção do autor estiverem sendo expostas, com base em Karkot-De-La-Taille & Santos (2012). Contudo, os termos originais utilizados nas citações diretas serão mantidos.

Nesse contexto, a pesquisa aqui proposta visa explorar a estrutura de posse de escravizados existente em Campinas e Guaratinguetá no ano de 1809, dando enfoque especialmente sobre os atributos demográficos e econômicos dos domicílios com escravarias unitárias, que até o presente momento não foram tratados de forma específica pela literatura de estrutura de posse. Dessa forma, pretende-se: (i) endossar a literatura sobre estrutura de posse, uma vez que estudos do mesmo tipo ainda não foram empreendidos para as ditas localidades no ano proposto; e (ii) trazer uma análise específica sobre os plantéis com apenas um cativo, considerando atributos demográficos dos senhores e escravizados, bem como indicadores econômicos de produção, mão de obra livre e produtividade, sejam úteis no sentido de caracterizar esse tamanho de plantel, em relação às demais faixas de tamanho observadas nas localidades.

Os dados e informações que servem de base para os objetivos desse projeto são oriundos das Listas Nominativas de Habitantes, ou ainda Maços de População, que tratam-se de documentos anuais manuscritos da época (no caso, 1809) dedicados a registrar as informações detalhadas (nome, idade, cor, etc.) de cada indivíduo residente na localidade no ano referente, por domicílio, bem como informações econômicas do próprio domicílio (ocupação do chefe do domicílio, produção anual, tamanho do plantel). Tais Listas encontram-se disponíveis digitalmente no Acerto Público do Estado de São Paulo, e foram convertidas em base de dados em projetos anteriores que contaram com a participação do aluno autor desse projeto de pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 HISTORIOGRAFIA E ESTRUTURA DE POSSE

A visão tradicional sobre a escravidão brasileira, inclusive aquela que se tem do ponto de vista internacional, enfoca a relação entre o trabalho escravo e a produção agrícola voltada à exportação (*a estrutura de plantation*). Porém, mais recentemente, diversos trabalhos têm colaborado para a construção de um quadro mais diversificado e complexo da escravidão no Brasil, com destaque para a importância relativa dos pequenos proprietários e a utilização de mão de obra escravizada em diversas atividades de produção (VERSIANI, 2007).

Entre os trabalhos citados por Versiani (2007) como sendo fundamentais para o traço desse cenário mais complexo do escravismo brasileiro, estão aqueles dedicados ao estudo e compreensão das estruturas de posse de cativos. Conforme Motta (1990), um dos estudiosos do tema, podem ser apontadas três importantes implicações derivadas dos estudos em estrutura de posse:

“Em primeiro lugar, tais trabalhos implicaram uma revisão da noção presente na historiografia tradicional acerca dos padrões de distribuição da propriedade escrava, em especial no que diz respeito à atividade minerária e, outrossim, embora com menor intensidade, no que tange à produção açucareira. Em segundo lugar, os trabalhos aludidos possibilitaram aos estudiosos o aprofundamento nesse tema de relevância inegável para o entendimento da economia escravista brasileira, não apenas no que concerne às regiões particularmente comprometidas com as duas atividades mencionadas, mas igualmente com relação a outras áreas do país (...). Em terceiro lugar, como um corolário da análise da estrutura da posse de escravos propriamente dita, muito se avançou, em termos quantitativos e qualitativos, no conhecimento das características de escravistas e cativos no Brasil” (MOTTA, 1990, p. 65).

Os estudos da estrutura de posse no período escravista brasileiro, ao nível de proprietário e escravizados, tiveram como precursor o trabalho de Luna *Minas Gerais: escravos e senhores - análise da estrutura populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804)*, publicado em 1981. A partir de então, diversos autores e trabalhos estiveram voltados para esta temática.

Em seu trabalho pioneiro, Luna (1981) apurou que, nas localidades estudadas, o número médio de escravizados por proprietário variava entre 3,7 e 6,5, a moda era sempre abaixo de 3 e que a mediana nunca excedia 5. Nessas localidades, a porcentagem de escravistas que possuíam de 1 a 5 elementos em seu plantel girava em torno de 70% nos períodos observados. Assim, nas palavras do próprio autor “[...]

os resultados apresentados [...] demonstram uma sociedade na qual predominavam [...] indivíduos possuidores de escravarias de um, dois ou, no máximo, cinco escravos" (LUNA, 1981, p. 78).

Situação semelhante foi observada em estudo realizado por Luna & Costa (1983), que contemplava a análise da estrutura da posse em dez localidades da capitania paulista no ano de 1804, evidenciando que a caracterização de Luna (1981) não se restringia somente à região das Minas Gerais:

"[...] reunidas todas as localidades estudadas, verifica-se que mais de um quarto dos proprietários possuía apenas um cativo; [...] Um grande número de pequenos proprietários e uma reduzida quantidade de senhores com muitos escravos é a tônica, observável também [...] nos centros onde compareciam os senhores de engenho entre os quais se encontravam os maiores proprietários." (LUNA & COSTA, 1983, p. 215).

Resultados similares foram apontados por Bacellar (2000): utilizando como fonte de dados a lista nominativa de habitantes para o ano de 1810 do município de Sorocaba, no estado de São Paulo, o autor constatou que, dos 360 domicílios com escravaria presente, 73,9% possuíam de 1 a 5 escravizados. Assim, como afirmou o autor: "[...] Sorocaba, não se destacando pela existência de grandes escravarias, se enquadra no padrão de concentração dos plantéis usualmente observado para as vilas coloniais brasileiras pouco representativas no panorama da grande lavoura exportadora" (BACELLAR, 2000, p. 241).

Os resultados dos estudos supracitados vão de encontro com a teoria que vigora como cânones da história econômica ao que tange o padrão de distribuição demográfica da massa escravizada no Brasil: a teoria de Caio Prado Júnior, proposta em sua reconhecida obra *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia*. Segundo Prado Junior (1961) a grande lavoura de exportação foi tida, durante o período colonial, como a célula fundamental da economia agrária brasileira, marcada por três fatores principais: a grande propriedade, a monocultura e a mão de obra escravizada. Tal conjuntura aplica-se ainda à atividade minerária, salvo especificidades técnicas. Porém, como os trabalhos empíricos voltados à estrutura da posse têm explicitado, a teoria de Prado Junior (1961) não se mostra abrangente na medida em que se verifica como sendo predominante não a grande propriedade, mas sim os pequenos senhores. Como afirmaram Luna & Klein (2004, p. 173), referindo-se aos estudos de estrutura de posse com enfoque em Minas Gerais: "Como se poderia justificar a predominância do modelo da grande lavoura quando a maioria dos proprietários de

escravos em Minas Gerais possuía menos de cinco cativos e controlava uma grande parcela da força de trabalho?”.

Tal máxima é destacada no trabalho de Motta et. al. (2004) que, no esforço de realizar uma síntese dos diversos trabalhos realizados sobre a estrutura de posse, pontua o padrão verificado nessas obras:

“Enfim se, como sabido, panos de fundo socioeconômicos distintos podem dar suporte a populações cujas estruturas demográficas apresentam perfis estatísticos em boa medida semelhantes, este é o caso do padrão de distribuição da propriedade escrava no Brasil dos séculos XVIII e XIX. Nesse padrão figuravam, de forma inequívoca, vale a pena repisar, como escravista majoritário, o que possuía poucos cativos, e, como escravo típico, o que vivia fora do ambiente característico da *plantation*. Estes os traços delineadores da estrutura da posse de escravos mais salientes do escravismo brasileiro”. (MOTTA, NOZOE & COSTA, 2004, p. 209-210).

Uma vez elucidado de forma sucinta o que a historiografia trata sobre a estrutura da posse ao que tange os padrões de distribuição da propriedade escravizada, em especial sua tendência a caracterizar plantéis com baixo número de cativos e refutar a caracterização pradiana, direcionamos então nossa leitura para expansão do conhecimento das características que detinham os senhores e escravizados, possibilitado também pelos estudos da estrutura de posse. Conforme Motta (1990), esses estudos tiveram contribuição essencial para que fosse mais amplo o entendimento de tais agentes, figuras chave para a história do país.

Nesse sentido, no que tange aos proprietários, estes já receberam atenção no próprio *Minas Gerais: senhores e escravos*, em que Luna (1981) destacou a predominância do sexo masculino, mesmo com uma tendência de crescimento da participação feminina. Avançando um pouco na historiografia, em um estudo sobre a estrutura de posse da localidade de São Simão, em São Paulo, Lopes (2012) foi objetiva na descrição dos proprietários:

“Os proprietários de escravos não eram muitos. Dos 206 fogos apenas 52 (25,2%) possuíam escravos. Esses senhores eram em sua maioria do sexo masculino (92,3%), brancos (82,7%) e casados (84,6%). Apenas quatro mulheres aparecem na relação – todas viúvas – sendo três brancas e uma parda. [...] quase a totalidade desses senhores proprietários de escravos dedicava-se à lavoura, atividade que ocupava também a maior parte dos cativos. Foram encontrados também, além de lavradores, administradores (2), fazendeiros (1), ferreiros (1), lavradores e criadores (1) e negociantes (1)” (LOPES, 2012, p. 378).

Quanto às características dos escravizados, Luna (1981) vai dizer que, em Minas Gerais, predominavam os de origem africana na primeira metade do século

XVIII. Porém, o aumento dos escravizados coloniais no início do século XIX coloca o peso de ambas as origens ombro a ombro. Trazendo o olhar para a capitania de São Paulo, na localidade de São Simão, em 1835, predominavam os homens (61,1%), solteiros (74,1%) e pretos (84,6%). O número verificado de escravizados africanos converge para o que observou Luna, sendo os escravizados brasileiros maioria (62,1%), conforme apurado por Lopes (2012).

2.2 HISTORIOGRAFIA E ESCRAVARIAS UNITÁRIAS

Tendo sido destacadas as contribuições centrais da literatura ao que tange à distribuição da posse de cativos e a caracterização dos proprietários e escravizados, deve-se avançar para uma revisão da historiografia acerca da presença das escravarias unitárias, objeto central desta pesquisa. Conforme visto anteriormente, os diversos trabalhos que dedicaram-se ao estudo da estrutura de posse de cativos verificaram a predominância do escravista com poucos elementos em seu plantel e do escravizado fora do ambiente de *plantation*. Nesse contexto, tem se destacado a frequente presença das escravarias unitárias como padrão de distribuição mais frequente verificado nas localidades estudadas.

Conforme elucidado no tópico acima, Luna & Costa (1983) apuraram para o conjunto de dez localidades paulistas que, em 1804, um quarto das escravarias possuíam apenas um elemento. Considerando as 10 localidades estudadas, bem como suas localizações e atividades econômicas predominantes, poder-se-ia afirmar que trata-se de uma estatística bastante representativa para a capitania de São Paulo como um todo. Entretanto, para além deles, outros autores verificaram a marcante presença de domicílios escravistas possuidores de apenas um escravizado em diversos outros pontos da capitania de São Paulo.

Oliveira (1997) empreendeu um estudo sobre a localidade de Franca, no nordeste paulista, e constatou que, entre 1822 e 1830, 13,4% dos proprietários tinham apenas um elemento em seu plantel. Quase 50 anos depois, entre 1875 e 1885, esse número saltou para 14,8%. Por outro lado, Marcondes & Garavazzo (2002) constataram, para o município de Batatais, no ano de 1785, que 34,6% dos plantéis eram unitários, representando a moda, e os componentes deste montante compunham 7,1% da escravaria total.

Expandindo ainda mais a amostra de localidades estudadas, Lopes (2012) observou, para a vila de São Simão em 1835, que 3,4% do total da escravaria pertencia à plantéis unitários, que se mostraram 10 entre os 52 plantéis da localidade. Em outro trabalho, Lopes (2005) apurou que 23,1% das escravarias de Ribeirão Preto, na década de 1870, eram unitárias.

Ainda que a argumentação desenvolvida até aqui tenha como enfoque as escravarias observadas em localidades da capitania de São Paulo, é válida a análise de outros trabalhos realizados fora da capitania, a fim de se demonstrar que o fenômeno de predominância das escravarias unitárias não parece ser, de modo algum, algo localizado.

Direcionando nossa atenção para o leste, na localidade de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, Motta, Nozoe & Costa (2004) apuraram que, no ano de 1870, a moda do tamanho de plantéis era justamente o unitário, sendo 126 dentre os 397 da municipalidade, o que corresponde a 31,7% dos plantéis e 8,3% do total da escravaria.

Distanciando-nos um pouco do centro-sul do país, a presença nada irrelevante de plantéis unitários se fez observar também no Grão-Pará, como argumentou Barroso (2017, p.197): “[...] a estrutura de posse de escravos do núcleo central de Belém [...] apresentou uma distribuição bimodal marcada pela primazia dos plantéis unitários ou com dois cativos, que perfizeram 54,2% de todas as escravarias compiladas [...]”.

Deste modo, é inegável a relevância do estudo de tal faixa de tamanho de plantel para o entendimento tanto da escravidão brasileira quanto da organização social como um todo, uma vez que as escravarias unitárias se mostraram presentes e relevantes em diversas localidades e momentos da história não somente da capitania de São Paulo, mas do país. A despeito disto, não há trabalhos que se debruçam especificamente sobre as escravarias unitárias, buscando caracterizar suas características singulares de um ponto de vista econômico e demográfico. Assim, informações que seriam relevantes para o pleno entendimento desse tamanho de escravaria, como perfil de proprietários e escravizados e composição das atividades produtivas, não foram ainda analisadas em detalhes. É buscando preencher, ainda que parcialmente, esse espaço em branco na literatura da estrutura de posse que essa pesquisa se coloca.

A escolha pelas localidades de Guaratinguetá e Campinas e o ano de 1809 devem-se a três motivos principais: (i) a disponibilidade de fontes documentais, que

serão melhores detalhadas no tópico 2.4; (ii) a não existência de trabalhos em estrutura de posse específicos para as localidades citadas neste período; e (iii) o fato do estudo aqui apresentado ser uma continuidade e conclusão do projeto de pesquisa Escravarias Unitárias: São Paulo, Primeira Metade dos Oitocentos, desenvolvido pelo aluno autor desse projeto durante os anos de 2018 e 2019 no âmbito do Programa Unificado de Bolsas (PUB).

2.3 CONJUNTURA ECONÔMICA DE CAMPINAS E GUARATINGUETÁ NO PERÍODO ANALIZADO

Nesse ponto, uma breve caracterização do cenário histórico e socioeconômico das localidades de Campinas e Guaratinguetá no período estudado se faz relevante, uma vez que o então perfil de produção local impactaria a distribuição da massa escravizada, como já apontavam Luna (1992) e Schwartz (1983).

Conforme Teixeira (2004), pode-se dizer que o povoado que daria origem a Campinas nasceu graças a reestruturação da capitania de São Paulo, que promoveu o incentivo ao povoamento voltado à exploração econômica de diversas regiões até então remotas, no início dos anos 1700. Nesse contexto, o povoamento que daria origem posteriormente à Campinas passou a existir para dar pouso aos que iam de São Paulo para as minas de Goiás.

Ainda segundo Teixeira (2004), o povoado foi elevado à freguesia em 1774, com a denominação de Nossa Senhora da Conceição das Campinas. Em 1797, passou a ser vila sob o nome de Vila de São Carlos e assim permaneceu até 1842, quando foi elevada à cidade e foi novamente chamada de Campinas. Embora o presente estudo contemple o período em que a sua denominação ainda era Vila de São Carlos, inclusive sendo referida desta forma nas fontes utilizadas, optou-se por utilizar neste trabalho apenas o nome de Campinas para a localidade.

As terras campineiras foram cultivadas primeiramente com produtos voltados ao comércio interno e ao consumo de subsistência, situação que se manteve até a entrada na capitania de São Paulo no mercado mundial de açúcar, na segunda metade do século XVIII, quando a localidade de Campinas passou a ser um centro importante de produção açucareira, implicando no massivo ingresso de escravizados africanos para o trabalho nos engenhos (TEIXEIRA, 2017). Em 1809, período da pesquisa aqui proposta, Campinas estava em seu período do *boom* do açúcar.

O povoado que viria a se tornar Guaratinguetá foi fundado em 1646, como um dos ramos do movimento de expansão do povoamento paulista para leste da Vila de São Paulo de Piratininga (MÜLLER, 1969). A elevação à categoria de vila ocorreu em 1656, e à de cidade em 1844 (MOTTA, 2012), ou seja, no período observado por esse trabalho, a localidade ainda era tida como Vila de Guaratinguetá.

O ano de 1809, marco cronológico desse estudo, insere-se no período que Hermann (1948) vai chamar de “Ciclo dos Engenhos” (1775 – 1836), ao mesmo tempo que se insere no “Ciclo do Café” (1805 – 1920), ou seja, representa um ano de transição entre o cultivo de cana e produção de açúcar e o cultivo do café. O ciclo dos engenhos veio a suceder, em partes, o “Ciclo da Economia de Subsistência”, que foi de 1630 a 1775. Segundo Hermann (1948), a transição foi rápida e voluntária, e acarretou fortes transformações nos quadros econômico e social locais.

Invadindo as grandes propriedades, a cultura da cana-de-açúcar acabou por transformar Guaratinguetá em um polo atrativo para movimentos populacionais, sejam eles de livres, vindos de Minas Gerais, Rio de Janeiro e de outras regiões de São Paulo, ou de escravizados: foi a necessidade de braços para os canaviais que difundiu o emprego da mão de obra cativa no município. Assim, o ciclo dos engenhos veio trazer à Vila uma complexidade econômica não antes observada, que alavancaria seu desenvolvimento (HERMANN, 1948).

Ainda segundo Hermann (1948), nas duas primeiras décadas do século XIX, encontrava-se, na Vila de Guaratinguetá, duas culturas em conflito. A cana, que vinha sendo largamente cultivada, e o açúcar produzido em engenhos bem estabelecidos proporcionaram certa estabilidade econômica. Com o *crack* do açúcar, a substituição da cultura foi necessária para evitar o colapso econômico. Nesse contexto, o café se apresentou como uma oportunidade para restabelecer a estabilidade. Todavia, a cultura cafeeira leva cerca de 4 anos a partir do plantio para começar a produzir. Desse hiato vinha a preocupação ante a substituição integral, e, portanto, o período de transição possuía sua racionalidade justificada (HERMANN, 1948).

Aparecendo como atividade acessória nos primeiros anos de sua cultura, o café estava unido a outras atividades como engenhos, policultura e criação, resultando numa economia rural mista. No período em questão, o café não criou processos e formas novas, mas intensificou os quadros já dispostos pelo ciclo dos engenhos: invasão da população “de cor” e desenvolvimento das áreas urbana e rural (HERMANN, 1948).

2.4 LISTAS NOMINATIVAS DE HABITANTES

A principal fonte de dados utilizada para a pesquisa e análise a serem realizadas neste trabalho foi a Lista Nominativa de Habitantes, também conhecida como Arrolamentos ou Maços de População, para as localidades de Guaratinguetá e Campinas no ano de 1809, que se encontram disponíveis no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP).

Conforme consta na página da AESP, a descrição dos Maços de População é a seguinte:

“Os "Maços de População" são estruturados como listas nominativas anuais, que relacionam informações detalhadas sobre cada indivíduo, livre ou escravo, por domicílio: nome, idade, grau de parentesco ou de relação com o chefe do domicílio, estado conjugal, cor, naturalidade e ocupação, além dos dados sobre a atividade econômica do domicílio. Os domicílios de cada vila eram reunidos por Companhia de Ordenança, em maior ou menor número, dependendo das dimensões da população. Ao final, tabelas ("mapas") resumiam as informações demográficas e econômicas por vila, permitindo a tabulação final dos dados referentes a todo o território paulista. A série "Maços de População" pertence ao fundo Secretaria de Governo por acumulação e é composta por arrolamentos da população produzidos pelas Companhias de Ordenanças (1765-1831) e pelo Juízo Municipal distrital (1831-1850)”. (AESP, 2021)

Essa preciosa primária de dados, muito empregada nos trabalhos de estrutura de posse de cativos, constituem a mais relevante coleção de levantamentos populacionais realizados no Brasil Colônia (BACELLAR, 2008). Quanto à justificativa para a existência de tais documentos, Bacellar (2008) argumenta uma forte influência política para o início dos registros, em 1765:

“(...) as listas começaram a ser confeccionadas a partir de 1765, dentro do contexto de toda uma política preocupada com a reorganização do mundo colonial. No caso de São Paulo, o capitão general recém-empossado, Luis Antonio Botelho de Sousa Mourão, o Morgado de Mateus, despacha ordens a esse respeito logo ao chegar no porto de Santos, em 1765, vindo do Rio de Janeiro, onde recebera instruções específicas do Conde da Cunha. Ao longo das décadas subsequentes, listagens de habitantes continuaram a ser elaboradas em São Paulo, cada vez mais detalhadas em função de novas demandas administrativas” (BACELLAR, 2008, p. 114).

Considerando o nível de detalhamento das informações trazidas nas Listas Nominativas e sua disponibilidade para as localidades de São Paulo, estas são de fato materiais de justificado amplo uso nas pesquisas em estrutura de posse. Porém, conforme observou Bacellar (2008), cabe ao pesquisador ter um olhar crítico sobre esse tipo de fonte, uma vez as informações ali descritas estão condicionadas ao

contexto político, econômico e social em que foram coletadas, e, portanto, podem ser imprecisas ou deliberadamente deturpadas. Esse tipo de análise crítica sobre as Listas Nominativas foi considerada ao longo da argumentação a ser empreendida neste trabalho.

3 FONTES E METODOLOGIA

Os dados econômicos e demográficos a serem utilizados neste estudo foram coletados e tabulados a partir dos manuscritos dos maços de população para as localidades de Guaratinguetá e Campinas em 1809, disponíveis no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP). A montagem e preparação das bases de dados foram realizadas entre 2018 e 2019 no âmbito dos projetos componentes do Programa Unificado de Bolsas (PUB): “Mulheres Chefes de Domicílio: Província de São Paulo, primeira metade do século XIX”, conduzido pela então aluna bolsista Beatriz Caroline Ottoboni Antunis Ribeiro e coordenado pela professora Luciana Suarez Lopes; e “Escravarias Unitárias: São Paulo, primeira metade dos oitocentos”, conduzido pelo autor desse trabalho, então aluno bolsista, e coordenado pelo professor José Flávio Motta.

A base de dados demográficos contém informações a nível individual para os moradores daquelas localidades no ano de 1809. São elas: nome, título (se houver), cor, idade, sexo², estado conjugal, condição social (livre ou escravizado) e parentesco com o chefe do domicílio. Além disso, para o domicílio como um todo, há a indicação da atividade econômica desenvolvida, o número de escravizados no plantel, a eventual produção anual de itens ou mantimentos e em alguns casos a renda obtida no ano, que compõem a base de dados econômicos. Assim, dispõe-se de duas bases que se interligam entre si utilizando como conector o chefe do domicílio³.

Sobre a metodologia aplicada, num primeiro momento, foram obtidas as estatísticas descritivas gerais da população das duas localidades, como população geral e produção econômica total. Num segundo momento, os dados dos domicílios foram subdivididos em faixas de tamanho de plantel, de acordo com o número de escravizados residentes em cada unidade residencial. Obteve-se, então, seis faixas de tamanho de plantel, desconsiderando os domicílios sem escravaria: (i) um, com apenas um escravizado no plantel; (ii) dois a cinco escravizados no plantel; (iii) seis a

² É importante mencionar que o sexo biológico dos habitantes não foi informado explicitamente na Lista Nominativa. A atribuição do sexo foi realizada pelo autor com base no nome dos indivíduos e, portanto, está sujeita a equívocos, seja pela dificuldade de leitura dos documentos históricos, seja pela não familiaridade com parte dos nomes empregados à época e sua relação aos gêneros. Pela mesma razão, fica evidente que a atribuição realizada nesse trabalho não está relacionada à identidade de gênero pessoal dos habitantes.

³ O chefe do domicílio/fogo, ou apenas chefe, era o primeiro indivíduo mencionado para determinado fogo na Lista Nominativa.

dez escravizados no plantel; (iv) onze a quinze escravizados no plantel; (v) dezesseis a vinte escravizados no plantel; e (vi) mais de vinte escravizados no plantel.

Para cada uma das faixas de tamanho de plantel foram obtidas as frequências e estatísticas descritivas referentes a fim de caracterizar suas particularidades demográficas – informações dos senhores, escravizados e demais residentes – e econômicas dos domicílios incluídos naquela faixa de tamanho. Em alguns casos, análises mais agregadas foram realizadas, confrontando as escravarias unitárias com o agrupamento dos demais tamanhos de escravaria. A partir daí, análises adicionais de correlação entre variáveis e cálculos de índices de produtividade foram realizados, a fim de se avançar na caracterização dos domicílios com plantéis unitários em ambas as localidades estudadas.

É importante ressaltar que a caracterização proposta nesse projeto foi limitada pela dimensão e abrangência dos dados dispostos nas listas nominativas de habitantes. Além disso, por tratar-se de dados advindos de fontes manuscritas de uma outra época, há possibilidade de erros de registro por parte do escrivão, bem como utilização de termos ou expressões de difícil interpretação contemporânea. Por fim, há a necessidade de salientar que algumas análises e conclusões obtidas foram acometidas pelo problema da baixa frequência de observações: assim, alguns resultados podem estar sendo afetados por algum viés decorrente da pequena extensão dos dados.

4 GUARATINGUETÁ: INFORMAÇÕES GERAIS, ESTRUTURA DE POSSE E ESCRAVARIAS UNITÁRIAS

4.1 INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS GERAIS DE GUARATINGUETÁ

Foram contabilizados, a partir da Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809, 6.178 habitantes, distribuídos em 1.027 fogos⁴ ao longo das 8 Companhias de Ordenanças da vila. Assim, havia uma média 6,02 residentes por domicílio, com desvio padrão de 5,63. Desses 6.178 habitantes, 2.899 (46,92%) eram homens e 3.267 (52,88%) eram mulheres, representando uma razão de sexo de 88,73 (tal relação é obtida dividindo-se o número de homens pelo de mulheres, e logo em seguida, multiplicando o resultado obtido por 100), ou seja, para cada 100 mulheres na localidade, haviam 88,73 homens. Eram 12 (0,20%) os de sexo indeterminado. Em relação à condição social – no contexto deste trabalho entendida como a classificação do indivíduo entre escravizado ou não-escravizado (livre) – 4.618 (74,75%) eram livres, e os demais 1.560 (25,25%) eram escravizados. Na tabela 1, apresentam-se os contingentes livre e escravizado segregados por sexo:

Tabela 1 – Distribuição da população por sexo e condição social – Guaratinguetá (1809)						
Sexo	Livres	%	Escravizados	%	Total	%
Masculino	2.063	44,67	836	53,59	2.899	46,92
Feminino	2.547	55,15	720	46,15	3.267	55,88
Indeterminado	8	0,18	4	0,26	12	0,20
Total	4.618	100,00	1.560	100,00	6.178	100,00

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Pode-se observar, de pronto, que embora a predominância do sexo feminino se dê entre os indivíduos livres e entre o total populacional, no que tange ao contingente escravizado, havia predominância masculina (53,59%). O fato de a massa escravizada ter uma razão de sexo maior que a população geral (116,11, frente à razão de 88,73 mencionada anteriormente) provavelmente estava fortemente relacionado ao fim produtivo da escravidão.

A maioria dos habitantes foram arrolados como brancos, 3.896 (63,06%), todos estes livres, com exceção à escravizada crioula Joana⁵, único elemento do plantel da

⁴ Foram identificados na Lista Nominativa 12 fogos de moradores que se mudaram para outros bairros ou distritos, faleceram ou casaram-se. Tais fogos e indivíduos não foram considerados nas mensurações e análises desse trabalho, afinal, não se tratam de habitantes da comunidade no ano referido.

⁵ De fato, a escrava Joana foi registrada na lista nominativa como sendo branca. Essa informação, entretanto, deve ser interpretada com cautela, pois pode se tratar de simples equívoco do escrivão.

viúva Rita Soares da Silva. A população negra era de 1.308 habitantes (21,17%), em sua maior parte escravizados: foram registrados apenas 49 indivíduos negros livres⁶, dos quais 32 eram mulheres. Por fim, a população parda contava com 974 representantes (15,77%) naquele ano, sendo a maior parte dela composta por indivíduos livres, 674 (69,20%) no total. Deste modo, infere-se que o contingente escravizado era formado numa proporção de 1.259 (80,70%) indivíduos negros para 300 (19,30%) indivíduos pardos. Ainda com enfoque na massa escravizada, ao confrontar a informação de cor com a de sexo, o que é demonstrado na tabela 2, evidencia-se que a maior parte dos indivíduos negros eram homens, enquanto a maioria dos indivíduos pardos eram mulheres.

Tabela 2 – População escravizada por sexo e cor – Guaratinguetá (1809)

Sexo	Negros	%	Pardos	%	Total	%
Masculino	704	55,92	132	44,00	836	53,62
Feminino	551	43,76	168	56,00	719	46,12
Indeterminado	4	0,32	-	-	4	0,26
Total	1.259	100,00	300	100,00	1.559*	100,00*

* Essa tabela não leva em consideração a escravizada branca, por isso o total de indivíduos é de 1.559, ao invés dos 1.560 escravizados citados anteriormente.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

No que se refere aos estados conjugais, tanto entre os indivíduos livres como entre os escravizados predominavam os solteiros, sendo eles 2.890 (62,58%) entre os livres e 1.158 (74,23%) entre os escravizados. O segundo estado conjugal mais frequente em ambos os grupos era o dos casados: 1.454⁷ (31,48%) dos indivíduos livres viviam a vida matrimonial, ao passo que esse número era de 366 (23,46%) entre os escravizados. O restante da população era composta ou por viúvos – 36 (2,30%) dos escravizados e 256 (5,55%) dos livres – ou por eclesiásticos – 17 (0,37%) dos livres.

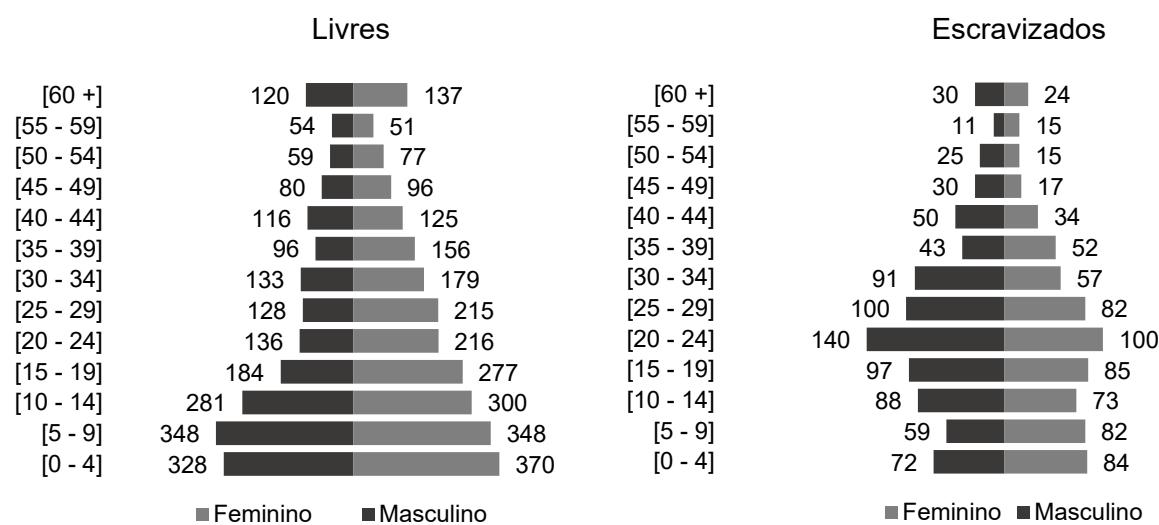
Essa possibilidade deve ser considerada antes da edificação de teorias elaboradas que explicariam o registro, como por exemplo, a tendência ao “embranquecimento” da população negra.

⁶ Em nenhuma altura da Lista Nominativa é citado o termo “forro” para referir-se aos negros livres, do mesmo modo que nenhuma outra consideração acerca de sua liberdade é registrada. Assim, não podemos afirmar se os indivíduos foram libertos por alforria ou se eram livres desde o nascimento.

⁷ Esse número não leva em conta o indivíduo Bernardo Pereira da Silva, que embora tenha sido arrolado como casado, possui em seu registro a seguinte nota: “Divorciado com a mulher a muitos annos, por isso não faz menção della”. Dessa forma, foi tratado para fins desse trabalho como divorciado, separado do grupo dos casados.

Para a análise das idades dos habitantes, a abordagem empregada foi a divisão da população em treze faixas de idade, de cinco anos cada: (i) de 0 a 4 anos⁸; (ii) de 5 a 9 anos; (iii) de 10 a 14 anos; (iv) de 15 a 19 anos; (v) de 20 a 24; (vi) de 25 a 29 anos; (vii) de 30 a 34 anos; (viii) de 35 a 39 anos; (ix) de 40 a 44 anos; (x) de 45 a 49 anos; (xi) de 50 a 54 anos; de (xii) de 55 a 59 anos; e (xiii) com 60 anos ou mais. As pirâmides etárias ilustradas na figura 1 demonstram a distribuição da população entre as faixas de idade, tanto para os livres quanto para os escravizados.

Figura 1 – Pirâmides etárias por faixas de idade, livres e escravizados* - Guaratinguetá (1809)



*Não foram considerados os escravizados de sexo indeterminado.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Em primeiro lugar, verificou-se uma diferença significativa no formato das pirâmides de cada grupo. Enquanto na pirâmide dos livres a base era larga, e o formato do gráfico ia se estreitando à medida que se aproximava do topo, a pirâmide dos escravizados apresentava o centro mais pronunciado, com base e topo mais estreitos. Essa diferenciação não é surpreendente, uma vez que a população escravizada não crescia apenas de forma natural, mas também através da aquisição de novos escravizados de fora da localidade pelos senhores. É razoável afirmar que eram preferíveis para a compra os escravizados em idade produtiva, entre 15 e 49 anos⁹, que já estariam imediatamente aptos a desempenhar as funções para as quais

⁸ Os indivíduos com “zero anos” não aqueles com menos do que 12 meses de vida.

⁹ A escolha da idade produtiva entre 15 a 49 anos foi baseada em Lopes (2012).

foram adquiridos, o que explicaria a proeminência no centro do gráfico para os escravizados.

Em segundo lugar, a expressividade da faixa de indivíduos com 60 anos ou mais tanto entre os livres quanto entre os escravizados, embora chamativa, deve-se mais à consideração de mais de cinco anos na faixa de idade em questão do que à uma significância relevante de indivíduos “idosos” residentes na localidade que distorcesse o formato estreito do topo da pirâmide.

4.2 INFORMAÇÕES ECONÔMICAS GERAIS DE GUARATINGUETÁ

A análise dos registros acerca das ocupações desempenhadas nos domicílios de Guaratinguetá revelou que maior parte dos fogos (59,50%) se dedicava, de modo principal¹⁰, à atividade agrícola: eram os agricultores, os que plantavam mantimentos e os senhores de engenho. Se forem consideradas também as demais ocupações desempenhadas pelos domicílios além da principal, que serão denominadas ocupações acessórias para fins deste trabalho, a expressividade da agricultura era ainda maior. Na tabela 3 abaixo está discriminada a distribuição das atividades principais dos fogos, bem como a distribuição das demais atividades desempenhadas:

Tabela 3 – Distribuição das ocupações principais e acessórias – Guaratinguetá (1809)

Ocupação	Frequência como ocupação principal	%	Frequência como ocupação acessória	%
Agricultor	434	42,26	53	10,75
Vive de ofício	172	16,75	-	0,20
Planta mantimentos	122	11,88	387	78,50
Jornaleiro	59	5,74	-	0,00
Indefinido	57	5,55	-	0,00
Senhor de engenho	55	5,36	1	0,20
Vive de negócios	36	3,51	2	0,41
Vive de esmolas	19	1,85	-	0,00
Sem ocupação	14	1,36	-	0,00
Eclesiástico	13	1,27	1	0,20
Outros	46	4,48	48	9,74
Total	1.027	100,00	493*	100,00*

* Ao contrário da ocupação principal, que está presente e é única para cada domicílio, as ocupações acessórias não estão presentes em todos eles, ao passo que um mesmo fogo pode contar com mais de uma ocupação acessória.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

¹⁰ Foi considerada como a atividade principal do fogo aquela primeiro listada na Lista Nominativa.

Quanto ao número de ocupações desenvolvidas por um mesmo fogo, pouco mais da metade (51,60%) das residências da localidade desempenhavam apenas uma ocupação de forma declarada. Os domicílios que desenvolviam duas ocupações vinham logo após na sequência de representatividade (44,11%), e o restante dos fogos desempenhavam três ou, no máximo, quatro ocupações declaradas.

Em relação aos itens produzidos na localidade, identificou-se três segmentos: agrícola, pecuário e têxtil. Na agricultura, os cultivos dos produtos tipicamente de subsistência, como milho, arroz e feijão mostraram-se expressivos. Por outro lado, a produção de itens derivados da cana – açúcar e aguardente – também foi significativa, como pode ser verificado na tabela 4 abaixo:

Tabela 4 – Principais gêneros agrícolas produzidos – Guaratinguetá (1809)

Gênero	Unidade de medida	Quantidade produzida
Milho	alqueires	46.885
Arroz	alqueires	7.729
Açúcar*	arrobas	6.851
Feijão	alqueires	6.574
Farinha	alqueires	2.505
Aguardente**	barris	1.462
Farinha de Mandioca	alqueires	1.122
Algodão	arrobas	797
Café	arrobas	112
Fumos	arrobas	60
Tabaco	arrobas	42
Mandioca	alqueires	30
Vinho	barris	14
Vinagre	barris	5

*Em Açúcar foram considerados em agregado os produtos açúcar e açúcar redondo.

**Em Aguardente foram considerados em agregado os produtos aguardente de cana e aguardente do reino.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Os dados expostos na tabela 4, principalmente o montante pronunciado da produção de itens derivados da cana-de-açúcar vis-à-vis a baixa produção de café, trazem evidências que sustentam a proposição de Hermann (1948) de que Guaratinguetá, em 1809, estaria enfrentando um período de transição entre os ciclos do açúcar e do café. Nesse sentido, é bem possível que àquela época já houvesse um potencial cafeiro pairando sobre a localidade, com cafezais já em formação. Contudo, não foi de interesse dos responsáveis pelo preenchimento das Listas ou das autoridades competentes registrar tal informação, já que as Listas apenas exibiam os montantes efetivamente colhidos/produzidos durante o ano de registro.

Os setores de pecuária e têxtil foram menos representativos na composição da matriz produtiva de Guaratinguetá. Em relação à pecuária, foram registradas exatas 1.196 cabeças de animais criados, sendo cerca da metade desse número (49,83%) referente à capados¹¹, porcos para engorda. O rebanho de vacum – termo que abrange bois, bezerros, vacas, vitelas, touros ou novilhos – vinha na sequência, com 242 cabeças (20,23%), seguido dos cavalares¹², com 236 cabeças (19,73%). O setor têxtil guaratinguetense estava intimamente ligado aos oito mercadores de loja identificados na Lista Nominativa. Foram listados como produtos dessa atividade panos de lã, linho, algodão e baeta, chitas e gangas, acessórios como linhas, retrós e fitas de seda e até chapéus. Contudo, não fica claro pelas listas se tais itens foram produzidos pelos moradores do domicílio ou se foram adquiridos já prontos, apenas para revenda nas lojas. Adicionalmente, é interessante mencionar que o mercador de loja foi uma das poucas ocupações que chamou a atenção dos responsáveis pelo preenchimento das Listas ou das autoridades competentes para o registro da renda auferida: em 1809, foram 10,945 contos de réis.

Embora a Lista Nominativa não enumere a ocupação de cada indivíduo listado, tampouco qual a origem do trabalho empregado na produção de cada fogo, livre ou escravizado, podemos imaginar que a produção nos fogos sem escravizados fosse, em sua maior parte, fruto do trabalhos dos moradores livres daqueles domicílios. Dos 1.027 fogos listados em Guaratinguetá, no ano de 1809, 759 (73,90%) não possuíam escravaria, ou seja, presume-se que a produção desses domicílios fosse, de modo geral¹³, empreendida por mão de obra livre familiar. Na tabela 5 a seguir, estão demonstradas as participações dos domicílios sem escravizados no total produzido na localidade:

¹¹ O termo *Capados* inclui de forma agregada os seguintes animais denominados na Lista: capados e porcos capados.

¹² O termo *Cavalares* inclui de forma agregada os seguintes animais denominados na Lista: cavalo e cavalar.

¹³ Nesse ponto, cabe mencionar que não se pode afirmar com certeza que toda a produção desses domicílios derivava de mão de obra livre, pois havia a possibilidade de emprego de escravizados de ganho, que desempenhavam seus jornais e poderiam estar envolvidos, ainda que em pequena medida, na produção dos domicílios sem escravaria.

Tabela 5 – Participação dos fogos sem escravizados na produção total – Guaratinguetá (1809)

Gênero	Unidade de medida	Quantidade produzida total	Quantidade produzida fogos sem escravizados	%
Milho	alqueires	46.885	8.884	18,95
Arroz	alqueires	7.729	2.938	38,01
Açúcar*	arrobas	6.851	115	1,68
Feijão	alqueires	6.574	2.593	39,44
Farinha	alqueires	2.505	825	32,93
Aguardente**	barris	1.462	37	2,54
Farinha de Mandioca	alqueires	1.122	123	10,96
Algodão	arrobas	797	563	70,64
Café	arrobas	112	6	5,36
Fumos	arrobas	60	50	83,33
Tabaco	arrobas	42	22	52,38
Mandioca	alqueires	30	-	0,00
Vinho	barris	14	14	100,00
Vinagre	barris	5	5	100,00

*Em Açúcar foram considerados em agregado os produtos açúcar e açúcar redondo.

**Em Aguardente foram considerados em agregado os produtos aguardente de cana e aguardente do reino.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

De modo geral, embora pouco mais da metade (54,58%) dos habitantes de Guaratinguetá em 1809 residissem em domicílios sem escravaria, esses fogos possuíam representatividade não proporcional na produção da maior parte dos gêneros agrícolas. Destacam-se, nesse contexto, as baixas participações dos domicílios sem escravizados nas atividades ligadas à cana-de-açúcar e ao café. A mesma tendência foi observada na pecuária: apenas 119 (9,95%) das cabeças criadas localmente pertenciam aos domicílios sem escravizados. Com base nisso, duas afirmações podem ser feitas: primeiro, que a maior parte da produção agropecuária de Guaratinguetá vinha dos domicílios com escravizados, o que não quer dizer que necessariamente era desempenhada por mão de obra escravizada; segundo, que as ocupações dos domicílios sem escravizados, e a sua mão de obra livre atrelada, estavam ligadas intimamente à subsistência local.

A caracterização da natureza do trabalho nos domicílios com escravarias é mais complexa, na medida em que não é possível diferenciar de forma trivial o que era fruto de trabalho escravizado e o que era fruto do trabalho livre. Naturalmente, os escravizados de um domicílio muito provavelmente estavam engajados nas ocupações ali desenvolvidas, mas em que medida também o estavam os moradores livres do mesmo domicílio? Poderiam escravizados e livres trabalhar lado a lado na mesma atividade? Como será apresentado mais à frente, é possível que esse fosse o

cenário em boa parte dos fogos, contudo, devido à limitação da fonte documental, não é algo que se pode afirmar com propriedade com os dados disponíveis.

Nesse ponto, torna-se interessante uma análise da produtividade nos diferentes tipos de fogos: com e sem escravarias. Definindo como produtividade média o quociente do produto pelo número de habitantes em idade produtiva, entre 15 e 49 anos, obtém-se o indicador de produtividade média para cada produto agrícola, conforme apontado na tabela 6 abaixo. Por exemplo, para a produtividade média total, dividiu-se a produção total da localidade pelo total de habitantes em idade produtiva. Já para a produtividade média dos fogos sem escravizados, dividiu-se a produção total naqueles fogos pelo total de moradores em idade produtiva residentes naqueles mesmos fogos sem escravarias.

Tabela 6 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Guaratinguetá (1809)

Gênero	Produtividade média total	Produtividade média fogos sem escravizados	Produtividade média fogos com escravizados
Milho	15,032	5,641	24,612
Arroz	2,478	1,865	3,103
Açúcar*	2,197	0,073	4,363
Feijão	2,108	1,646	2,578
Farinha	0,803	0,524	1,088
Aguardente**	0,469	0,023	0,923
Farinha de Mandioca	0,360	0,078	0,647
Algodão	0,256	0,357	0,152
Café	0,036	0,004	0,069
Fumos	0,019	0,032	0,006
Tabaco	0,013	0,014	0,013
Mandioca	0,010	-	0,019
Vinho	0,004	0,009	-
Vinagre	0,002	0,003	-

Havia na localidade 3.119 indivíduos em idade produtiva, sendo 1.575 residentes em domicílios sem escravaria e 1.544 em domicílios com escravaria.

*Em Açúcar foram considerados em agregado os produtos açúcar e açúcar redondo.

**Em Aguardente foram considerados em agregado os produtos aguardente de cana e aguardente do reino.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

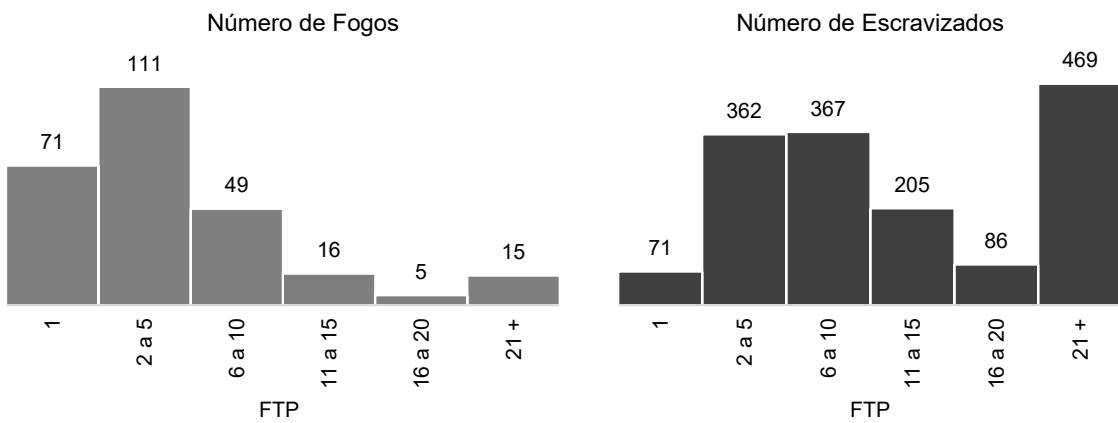
Como esperado, a produtividade média dos domicílios com escravarias foi geralmente superior àquela verificada para os domicílios sem escravarias, e expressivamente superior. No caso do milho, por exemplo, enquanto um trabalhador livre residente em fogo sem escravizados produziu ao longo do ano, em média, 5,641 alqueires do gênero, um trabalhador – livre ou escravizado – domiciliado em fogo com escravaria produziu durante o mesmo ano, em média, 24,612 alqueires. Essa discrepância, muito provavelmente, seria função do trabalho escravizado empregado,

uma vez que é razoável imaginar que um escravizado dedicava mais horas ao trabalho, em média, do que um habitante livre.

4.3 ESTRUTURA GERAL DA POSSE DE ESCRAVIZADOS EM GUARATINGUETÁ

Dos 1.027 fogos registrados na Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá, para o ano de 1809, 760 (74,00%) não possuíam escravaria. Assim, os 1.566 escravizados residentes no município estavam distribuídos em 267 domicílios, o que representava uma média de 5,86 escravizados por plantel. A moda e a mediana foram, respectivamente, 1 e 3, e o desvio padrão era de 7,96. Para a análise da distribuição dos escravizados por tamanho de plantel, foram estabelecidas algumas faixas de tamanho de plantel (FTP): (i) plantel com 1 escravizado; (ii) plantel com 2 a 5 escravizados; (iii) plantel com 6 a 10 escravizados; (iv) plantel com 11 a 15 escravizados; (v) plantel com 16 a 20 escravizados; e (vi) plantel com mais de 20 escravizados. A distribuição dos domicílios e do número de escravizados nas FTP pode ser verificada na figura 2 abaixo:

Figura 2 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP – Guaratinguetá (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

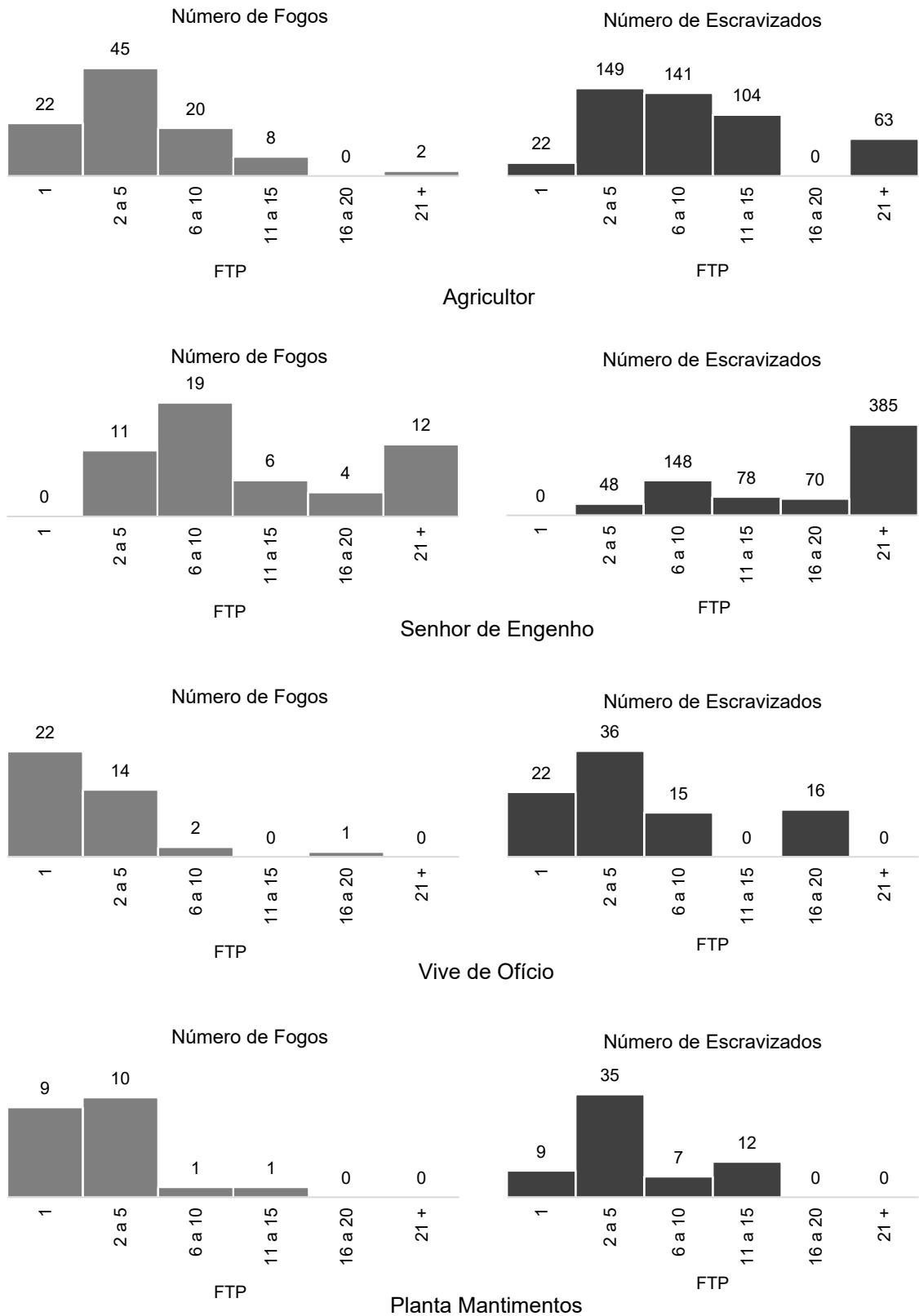
O caráter de concentração à esquerda da distribuição dos fogos nas FTP, ao evidenciar uma predominância de plantéis com poucos escravizados – 68,16% dos domicílios com escravaria possuíam entre 1 e 5 escravizados – demonstram, em Guaratinguetá, um cenário semelhante ao dos estudos empreendidos na literatura de estrutura de posse: de fato, verificou-se um grande número de pequenos proprietários frente a um reduzido número de senhores com muitos escravizados. A distribuição

dos escravizados nas FTP, por sua vez, elucidou que os fogos dos pequenos proprietários, com plantéis contando com 1 a 5 escravizados, concentravam pouco mais de um quarto (27,76%) da massa de escravizados. A maior parte dos escravizados (30,01%) estavam nos maiores plantéis, mesmo que esses fossem os menos frequentes.

O maior proprietário de escravizados do município naquele ano era o Capitão Miliciano Manoel Joze de Mello, 40 anos, casado e morador da Quinta Companhia de Ordenanças. Seus 77 escravizados eram empregados no engenho de sua senhoria, bem como nas atividades acessórias de plantio de mantimentos e marcação de animais.

A análise da estrutura de posse de escravizados à luz das ocupações desempenhadas pelos fogos pode ser interessante para o entendimento das distribuições ilustradas acima. Entre os domicílios com escravaria, pouco mais de três quartos (78,28%) possuíam como ocupação principal do chefe uma das quatro ocupações seguintes: agricultor (97), senhor de engenho (52), vive de ofício (39) e planta mantimentos (21). Nesses 209 domicílios, estavam concentrados 1.360 (87,18%) escravizados. Sendo assim, a análise ateve-se à essas quatro ocupações, mais relevantes. A figura 3 traz a distribuição de fogos que desempenham cada uma dessas ocupações de forma principal, bem como seus respectivos escravizados, nas FTP:

Figura 3 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP, segundo a ocupação principal – Guaratinguetá (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

As distribuições demonstradas na figura 3 trazem algumas inferências interessantes. A primeira delas diz respeito ao padrão de distribuição dos fogos que tinham como chefe de fogo os senhores de engenho: diferentemente das três demais ocupações analisadas, a tendência dos domicílios com engenhos era de possuírem maiores plantéis, como evidencia sua distribuição concentrada à direita. Por consequência, a maior parte do contingente de escravizados residentes em domicílios cujo chefe era senhor de engenho estava alocada em grandes plantéis. Em segundo lugar, a parcela de escravizados concentrada nos fogos com engenhos era a mais significativa da localidade em numerário, 729 (46,55%), seguida da parcela concentrada nos domicílios com chefes agricultores 479 (30,59%).

Com base nessas constatações, pode-se afirmar que a maior parte da escravaria de Guaratinguetá em 1809 era empregada em atividades agrícolas, principalmente naquelas ligadas aos engenhos. Enquanto o padrão de estrutura de posse nos domicílios com engenhos fosse majoritariamente baseado nos grandes plantéis, o contrário foi verificado para os demais domicílios, ligados à subsistência: naquele contexto, predominavam os pequenos proprietários.

4.3.1 OS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVIZADOS EM GUARATINGUETÁ

Dos 267 proprietários de escravizados, a maior parte, 206 (77,16%), eram homens, enquanto os 61 (22,84%) restantes eram mulheres. Assim, verificou-se uma razão de sexo de 337,70, bem superior àquela calculada para a localidade como um todo, de 88,73, reflexo da estrutura patriarcal em torno da sociedade escravocrata da época. O sexo do proprietário mostrou-se, ainda, relacionado ao tamanho do seu plantel: mais de dois terços (70,49%) das proprietárias possuíam até 5 escravizados, e quase a totalidade delas (91,80%) possuíam até 10 escravizados. Já entre os proprietários homens, eram 84,95% os que possuíam até 10 escravizados em seus domicílios. De fato, as proprietárias tinham em seus fogos, em média, 4,74 escravizados, com desvio padrão de 4,69, ao passo que, os proprietários do sexo masculino tinham 6,17 escravizados em média, com desvio padrão de 8,65. Deste modo, depreende-se que as escravarias chefiadas por mulheres eram menos frequentes, menores e com baixa variância de tamanho do que aquelas chefiadas pelos homens.

Introduzindo a variável cor à caracterização dos proprietários, entre os homens, 202 (98,06%) eram brancos, e os 4 (1,94%) restantes eram pardos. Por sua vez, entre as proprietárias, 60 (98,36%) era brancas e a havia uma única proprietária parda. Inegavelmente, a posse de escravizados era uma atribuição muito restrita a indivíduos de pele branca.

Sobre o estado conjugal dos proprietários de escravizados, verificou-se que dos 206 proprietários homens, 174 (84,47%) eram casados, 17 (8,25%) eram solteiros, 8 (3,88%) eram eclesiásticos, e 7 (3,40%) era viúvos. Independentemente do estado conjugal do proprietário, as escravarias com 2 a 5 escravizados eram predominantes, com exceção dos eclesiásticos, em que a metade (50,00%) possuíam escravarias unitárias.

Ao que tange à faixa etária dos proprietários do sexo masculino, considerando faixas de aproximadamente 10 anos, havia uma concentração de proprietários com idades entre 30 e 39 anos e 40 a 49 anos, ambas as faixas com 55 (26,70%) proprietários cada. Logo após, eram mais frequentes os proprietários com idades iguais ou acima dos 60 anos (16,99%), seguidos por aqueles que já haviam vivido entre 50 e 59 anos (16,02%). A faixa de idade com menos representantes era a mais jovem, entre 18 e 29 anos, com apenas 28 indivíduos (13,59%).

A tabela 7 abaixo nos dá um panorama demográfico dos proprietários homens casados e solteiros, brancos, grande maioria na localidade:

Tabela 7 – Frequência de proprietários brancos por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Guaratinguetá (1809)

Faixas de idade	Estado Conjugal	FTP						Total
		1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
18 a 29	Casados	8	12	3	1	-	-	24
	Solteiros	2	1	-	-	-	-	3
30 a 39	Casados	20	14	11	2	1	-	48
	Solteiros	3	1	-	-	-	-	4
40 a 49	Casados	7	18	9	4	2	4	45
	Solteiros	-	3	2	-	-	-	5
50 a 59	Casados	2	12	7	3	-	5	29
	Solteiros	-	-	-	-	-	1	1
60 ou mais	Casados	6	11	2	3	-	3	28
	Solteiros	-	3	-	-	1	-	4
Total		48	75	34	13	4	13	187

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

A tabulação da tabela acima evidencia que, em geral, proprietários mais jovens detinham escravarias menores, enquanto os grandes plantéis estavam sob o controle de senhores mais velhos, o que sustenta uma hipótese de existência de uma correlação positiva entre a idade do senhor e o número de escravizados em sua posse. O perfil mais frequente, portanto típico, de proprietário do sexo masculino era aquele com posse de apenas um escravizado, branco, casado e com idade entre 30 a 39 anos.

Entre as proprietárias mulheres, predominavam as viúvas, 49 das 61 (80,33%) listadas. Apenas uma proprietária (1,64%) era casada e, vale dizer, Ignes Marcondes dos Santos, branca, de 22 anos, apenas comandava o engenho e seus 9 escravizados enquanto o marido Bartolomeu de Moura Fialho estava cuidando de negócios na Vila de Resende. As 11 (18,03%) proprietárias restantes eram solteiras. Quanto à estrutura de posse verificada, tanto entre as viúvas quanto entre as solteiras predominavam as escravarias com 2 a 5 escravizados.

Tratando das faixas etárias, as proprietárias mulheres com 60 anos ou mais (39,34%) eram a maioria, em um resultado esperado, considerando a alta frequência das viúvas. De fato, o número de proprietárias foi diretamente proporcional ao avanço nas faixas de idade: quanto mais alta a faixa de idade, mais proprietárias naquela faixa.

A tabela 8 a seguir ilustra o perfil das proprietárias, considerando o estado conjugal, faixas de idade e faixas de tamanho de plantel:

Tabela 8 – Frequência de proprietárias por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Guaratinguetá (1809)

Faixas de idade	Estado Conjugal	FTP						Total
		1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
30 a 39	Viúvas	1	2	4	-	-	-	7
	Solteiras	1	-	-	-	-	-	1
40 a 49	Viúvas	2	6	-	-	-	-	8
	Solteiras	2	1	-	-	-	-	3
50 a 59	Viúvas	3	5	2	2	1	-	13
	Solteiras	1	3	-	-	-	-	4
60 ou mais	Viúvas	5	9	6	1	-	-	21
	Solteiras	-	2	-	-	-	1	3
Total		15	28	12	3	1	1	60

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Além da correlação entre faixa de idade e frequência das proprietárias, pode-se observar uma tendência de maiores plantéis para as proprietárias mais velhas,

assim como foi verificado no caso dos proprietários homens. Nesse contexto, o perfil típico da proprietária do sexo feminino era aquele com entre 2 a 5 escravizados, viúva, branca e 60 anos ou mais de idade.

4.3.2 OS ESCRAVIZADOS EM GUARATINGUETÁ

Dos 1.560 escravizados registrados em Guaratinguetá em 1809, 1.122 (71,92%) eram crioulos, ou seja, nascidos no Brasil, frente à 428 (27,43%) vindos da África e, portanto, resultado do tráfico negreiro¹⁴. Os 10 escravizados restantes não tiveram sua origem desclassificada pela Lista Nominativa. Colocando em perspectiva a origem dos escravizados juntamente com as atribuições de cor e sexo – já abordadas anteriormente – evidenciou-se que, entre os crioulos, as mulheres eram maioria seja entre os negros, seja entre os pardos. Ainda assim, as proporções de sexo eram próximas para ambas as cores, como pode ser verificado na tabela 9 abaixo:

Tabela 9 – Frequência de escravizados por origem, sexo e cor – Guaratinguetá (1809)

Cor	Sexo	Origem				Total	%
		Brasil	%	África	%		
Negro	Masculino	399	35,69	301	70,49	700	45,31
	Feminino	423	37,84	124	29,04	547	35,40
Pardo	Masculino	129	11,54	2	0,47	131	8,48
	Feminino	167	14,94	-	-	167	10,81
Total		1.118	100,00	427	100,00	1.545*	100,00

*Os 15 escravizados não incluídos na tabela são aqueles: sem origem determinada (10), sem sexo determinado (4) e de cor branca (1).

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Uma situação completamente diferente foi verificada para os escravizados oriundos do continente africano: a maioria absoluta era de homens, e homens negros, uma vez os pardos tiveram representatividade quase nula. Apenas um terço do contingente era composto por mulheres trazidas da África, e entre elas, não haviam pardas.

Empreendendo uma análise segregada por origem dos escravizados, incluindo a perspectiva das faixas de tamanho de plantel, obteve-se que quase um terço

¹⁴ A Lista Nominativa de Habitantes não faz menção à aquisição dos escravizados, portanto, não foi possível afirmar se os que vieram da África foram destinados diretamente para o fogo em que estão registados em Guaratinguetá ou se tiveram outros senhores anteriormente, ou seja, não há conclusões sobre o caráter interno ou externo do tráfico. Da mesma forma, os crioulos, embora tenham nascido no Brasil, podem ter sido traficados de outras localidades ou províncias. Devido à essas incertezas inerentes ao documento analisado, não foram realizadas incursões adicionais acerca do tráfico de escravizados.

(29,31%) dos escravizados nascidos no Brasil estavam nos grandes plantéis, com mais de 21 elementos. Entretanto, as FTP de 1 escravizado e de 2 a 5 escravizados, que podem ser chamadas de “pequenas escravarias”, somadas concentravam também cerca de um terço (29,40%) dos escravizados da localidade, confirmando assim um perfil de distribuição em boa medida simétrico dos crioulos entre as faixas de grande, média e pequena escravarias. Além de ilustrar a conclusão anterior, a tabela 10 a seguir inclui as características de sexo e faixa de idade para obter a matriz de frequência dos escravizados crioulos listados:

Tabela 10 – Frequência de escravizados crioulos por FTP, faixa de idade e sexo – Guaratinguetá (1809)

Faixas de idade	Sexo	FTP						Total
		1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
0 a 9	Masculino	-	32	31	18	4	41	126
	Feminino	4	27	40	21	7	63	162
10 a 19	Masculino	6	38	38	12	5	39	138
	Feminino	9	34	19	26	10	28	126
20 a 29	Masculino	11	25	22	12	7	41	118
	Feminino	13	37	28	21	4	29	132
30 a 39	Masculino	-	18	19	9	4	18	68
	Feminino	4	24	20	8	4	30	90
40 a 49	Masculino	1	8	11	8	2	16	46
	Feminino	1	11	14	2	3	5	36
50 a 59	Masculino	-	7	2	3	-	11	23
	Feminino	4	3	8	2	4	5	26
60 ou mais	Masculino	-	1	3	3	1	1	9
	Feminino	4	7	6	1	-	1	19
Total		57	272	261	146	55	328	1.119*

*Os 3 escravizados não incluídos na tabela são aqueles sem sexo determinado (3).

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Nota-se que havia uma correlação negativa entre o avanço nas faixas de idade e o número de escravizados, ou seja, uma estrutura etária característica de crescimento natural: mais jovens e menos velhos. Tal resultado, quando analisado em conjunto com a pirâmide etária dos escravizados apresentada na figura 1, corrobora que o tráfico de escravizados distorce a tendência etária da localidade. Adicionalmente, percebe-se que havia uma tendência de concentração dos escravizados mais velhos nos fogos com menos escravizados, enquanto domicílios com mais escravizados tendiam a possuir um maior número de escravizados em idades mais ternas. Eram 618 (55,22%) os escravizados em idade produtiva.

Em relação aos escravizados africanos, cerca de um terço (31,46%) compunham as grandes escravarias de Guaratinguetá. Diferentemente do que foi

observado entre os crioulos, os escravizados alocados em pequenas escravarias representaram apenas 23,71% do total, o que indicava que os escravizados vindos da África tendiam a ser direcionados a fogos com médios ou grandes plantéis. Além disso, conforme a tabulação apresentada pela tabela 11 abaixo, a maior parte dos escravizados africanos possuíam entre 20 e 29 anos, e os homens eram maioria em todas as faixas de idade:

Tabela 11 – Frequência de escravizados africanos por FTP, faixa de idade e sexo – Guaratinguetá (1809)

Faixas de idade	Sexo	FTP						Total
		1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
10 a 19	Masculino	3	7	12	5	1	19	47
	Feminino	1	7	9	1	1	12	31
20 a 29	Masculino	4	18	23	22	5	50	122
	Feminino	3	18	12	6	4	7	50
30 a 39	Masculino	1	9	18	7	9	22	66
	Feminino	-	6	2	2	2	7	19
40 a 49	Masculino	-	8	9	5	3	8	33
	Feminino	-	3	4	4	-	4	15
50 a 59	Masculino	-	2	3	2	4	2	13
	Feminino	-	3	-	-	-	1	4
60 ou mais	Masculino	1	5	8	5	-	2	21
	Feminino	-	2	3	-	-	-	5
Total		13	88	103	59	29	134	426

*Os 2 escravizados não incluídos na tabela são aqueles sem sexo determinado (1) e, ainda, 1 escravizado com 1 ano de idade, do sexo masculino, que residia com sua mãe, também escravizada, no plantel do mercador de loja Salvador Fernandes Vianna.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

É importante mencionar que eram 359 (84,27%) os escravizados em idade produtiva, percentual bastante superior àquele apurado para os nascidos no Brasil, o que fortalece a preposição da preferência do tráfico negreiro pelo comércio de indivíduos em idade favorável à produção econômica.

Por fim, ao que tange o estado conjugal dos escravizados nascidos no Brasil, 889 (79,23%) eram solteiros, 210 (18,72%) eram casados e os 23 (2,05%) restantes eram viúvos. Entre os africanos, as proporções foram ligeiramente distintas: 260 (60,75%) eram solteiros, 155 (36,21%) eram casados e 13 (3,04%) eram viúvos.

Tendo sido realizado esse panorama geral acerca das características econômicas e demográficas gerais da localidade de Guaratinguetá no ano de 1809, o próximo tópico abordará os atributos econômicos e demográficos dos domicílios com

escravarias unitárias, tamanho de escravaria mais frequente na vila e objeto central deste trabalho.

4.4 OS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIAS UNITÁRIAS EM GUARATINGUETÁ

Conforme elucidado anteriormente, dos 267 fogos com escravaria em Guaratinguetá, 71 (26,59%) possuíam um único elemento em seu plantel. Esse tamanho de escravaria foi o mais frequente no ano analisado, e os 71 escravizados que residiam nesses domicílios representavam 4,55% da massa cativa total do município. Além disso, os escravizados representavam 20,76% dos 342 moradores desses fogos, percentual abaixo daquele verificado para a localidade toda, de 25,25%.

Os fogos com escravaria unitária possuíam em média de 4,82 habitantes, com desvio padrão de 2,24, ou seja, eram domicílios com menor concentração de moradores e menor dispersão do que a média da localidade, que possuía uma média de 6,02 residentes por domicílio, com desvio padrão de 5,63. Dos 342 habitantes desses domicílios sob análise, 147 (42,98%) eram homens e 195 (75,02%) eram mulheres, resultando numa razão de sexo de 75,38, menor do que aquela verificada para Guaratinguetá como um todo, de 88,73. A distribuição dos residentes por sexo e condição social está discriminada na tabela 12 abaixo:

Tabela 12 – Distribuição da população residente em fogos com apenas um escravizado por sexo e condição social – Guaratinguetá (1809)

Sexo	Livres	%	Escravizados	%	Total	%
Masculino	120	44,28	27	38,03	147	42,98
Feminino	151	55,72	44	61,97	195	57,02
Total	271	100,00	71	100,00	342	100,00

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

É digno de nota o fato de que, diferentemente do que se observou para a localidade em sua totalidade, as mulheres eram maioria não só entre os livres, mas também entre os escravizados. Uma possível justificativa para tal poderia ser o preço mais barato das escravizadas mulheres (MOTTA et. al, 2004) .

Em termos econômicos, os domicílios com escravarias unitárias dedicavam-se majoritariamente (43,67%), de forma principal, à agricultura, por meio de duas ocupações centrais de seus chefes: agricultor e planta mantimentos. Não havia senhores de engenho entre os proprietários de apenas um escravizado. A tabela 13

apresenta a distribuição das ocupações principais e acessórias dos fogos com escravarias unitárias:

Tabela 13 – Distribuição das ocupações principais e acessórias dos fogos com um escravizado – Guaratinguetá (1809)

Ocupação	Frequência como ocupação principal	%	Frequência como ocupação acessória	%
Agricultor	22	30,99	6	26,09
Vive de Ofício	22	30,99	-	-
Planta mantimentos	9	12,68	14	60,87
Vive de negócios	6	8,45	-	-
Eclesiástico	4	5,63	-	-
Jornaleiro	2	2,82	-	-
Indefinido	2	2,82	-	-
Vive de jornais de outrem	1	1,41	-	-
Escrivão	1	1,41	-	-
Mercador de loja	1	1,41	-	-
Sem ocupação	1	1,41	-	-
Marca Animais	-	-	3	13,04
Total	71	100,00	23*	100,00*

* Ao contrário da ocupação principal, que está presente e é única para cada domicílio, as ocupações acessórias não estão presentes em todos eles, ao passo que um mesmo fogo pode contar com mais de uma ocupação acessória.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Além da agricultura, é notável a presença marcante dos que viviam de ofício. De fato, havia 39 domicílios com escravarias de tamanhos diversos cujos chefes e suas famílias viviam de ofício, e 22 (56,41%) dessas contavam com escravarias unitárias. São mencionados como ofícios pela Lista Nominativa: sapateiro, marceneiro, alfaiate, fiador de algodão, ferreiro, costureiro, carapina, oleiro e entalhador. Considerando a natureza artesanal e laboriosa dessas ocupações, o emprego de apenas um escravizado parecia ser justificável.

Em relação à produção dos fogos com um único escravizado, foram identificados itens agrícolas, pecuários e têxteis. Os produtos agrícolas eram aqueles tipicamente de subsistência, com destaque para o milho, o feijão e o arroz. A tabela 14 traz a produção dos domicílios com um único escravizado de cada um dos gêneros agrícolas, bem como sua representatividade frente a produção dos domicílios com escravaria e dos domicílios totais:

Tabela 14 – Gêneros agrícolas produzidos nos fogos com um escravizado – Guaratinguetá (1809)

Gênero	Unidade de medida	Quantidade produzida	% produção fogos com escravaria	% produção fogos totais
Milho	alqueires	900	2,37	1,92
Feijão	alqueires	313	7,86	4,76
Arroz	alqueires	271	5,66	3,51
Farinha	alqueires	66	3,93	2,63
Algodão	arrobas	62	26,50	7,78
Mandioca	alqueires	30	100,00	100,00
Tabaco	arrobas	20	100,00	47,62
Farinha de Mandioca	alqueires	10	1,00	0,89

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Fica evidente que os domicílios com escravarias unitárias possuíam uma menor variedade de produtos cultivados do que a localidade como um todo, afinal, algumas culturas demandavam naturalmente mais mão de obra e estrutura, como a do próprio açúcar e demais derivados da cana, por exemplo. Além disso, nota-se que toda a produção de mandioca de Guaratinguetá registrada pela Lista Nominativa derivava dos fogos em questão, assim como a totalidade de tabaco produzida por domicílios com escravarias provinham daqueles com apenas um escravizado.

Trazendo o olhar para a questão da produtividade do cultivo de gêneros agrícolas nesses fogos, levando em conta a produtividade média por residente em idade produtiva, verificou-se que os domicílios com apenas um escravizado geravam um índice de produtividade média geralmente abaixo daquele observado na totalidade de fogos com escravaria, como pode ser analisado na tabela 15 a seguir:

Tabela 15 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Guaratinguetá (1809)

Gênero	Produtividade média total	Produtividade média fogos sem escravizados	Produtividade média fogos com escravizados	Produtividade média fogos com 1 escravizado
Milho	15,03	5,64	24,61	4,81
Feijão	2,11	1,65	2,58	1,67
Arroz	2,48	1,86	3,10	1,45
Farinha	0,80	0,52	1,09	0,35
Algodão	0,26	0,36	0,15	0,33
Mandioca	0,01	-	0,02	0,16
Tabaco	0,01	0,01	0,01	0,11
Farinha de Mandioca	0,36	0,08	0,65	0,05

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Assim, em média, os domicílios com escravarias unitárias eram menos produtivos do que aqueles com outros tamanhos de plantel, de modo agregado. Esse resultado poderia dever-se a variáveis não observadas, como os demais fatores de produção empregados.

No que tange à pecuária, apenas três domicílios com escravarias unitárias criavam animais, somando ao todo 33 cabeças de gado, cavalos e capados. Esse número representou apenas 2,96% do total das criações da localidade. Finalmente, em relação ao mercado têxtil, o único domicílio com plantel unitário cujo chefe era mercador de loja tinha como produtos: panos de algodão, panos de lã, chitas, gangas, bertanhas, panos de linho, chapéus, linhas, retrós, fitas de seda e papel. Sua renda no ano foi de 1,8 contos de réis.

4.4.1 OS PROPRIETÁRIOS DE UM ESCRAVIZADO EM GUARATINGUETÁ

Entre os 71 proprietários de apenas um escravizado, 56 (78,87%) eram homens e 15 (21,13%) eram mulheres, obtendo-se assim uma razão de sexo de 373,33. Todas as proprietárias eram brancas, e 53 (94,64%) dos proprietários homens eram de cor branca. Os demais senhores eram pardos. Introduzindo o estado conjugal, dos proprietários do sexo masculino, 46 (82,14%) eram casados, 5 (8,93%) eram solteiros, 1 (1,79%) era viúvo e 4 (7,14%) eram eclesiásticos. A estrutura conjugal era distinta para as proprietárias mulheres: 11 (73,33%) eram viúvas e as 4 (26,67%) restantes eram solteiras. A tabela 16 abaixo apresenta um panorama de como se distribuíam os proprietários de plantéis unitários, incluindo as faixas de idade dos senhores:

Tabela 16 – Frequência de proprietários por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Guaratinguetá (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Estado Conjugal				Total
		Casados	Solteiros	Viúvos	Eclesiásticos	
18 a 29	Masculino	8	2	-	1	11
	Feminino	-	-	-	-	-
30 a 39	Masculino	20	3	1	2	26
	Feminino	-	1	1	-	2
40 a 49	Masculino	8	-	-	-	8
	Feminino	-	2	2	-	4
50 a 59	Masculino	2	-	-	1	3
	Feminino	-	1	3	-	4
60 ou mais	Masculino	8	-	-	-	8
	Feminino	-	-	5	-	5
Total		46	9	12	4	71

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

A maior parte (46,24%) dos proprietários homens possuíam entre 30 e 39 anos, enquanto a maioria (33,33%) das mulheres tinham idade igual ou superior a 60 anos. Com essas informações, torna-se possível moldar o perfil demográfico dos proprietários e proprietárias de plantel unitário: o proprietário do sexo masculino típico

era branco, casado, com idade entre 30 e 39 anos – era o caso de Manuel José d'Oliveira, Segundo Sargento de Ordenanças, de 32 anos, que vivia com sua esposa Margarida e Anna, sua escravizada de 67 anos – enquanto a proprietária do sexo feminino típica era branca, com idade igual ou superior a 60 anos, e viúva – como Margarida Lemes, de 67 anos, que vivia com suas três filhas Margarida, Anna e Theresa e seu escravizado Joaquim, de 25 anos. É relevante mencionar que esses perfis típicos são semelhantes àqueles observados para os proprietários de qualquer tamanho de escravaria, na localidade como um todo.

Retomando os atributos econômicos dos domicílios, já tratados anteriormente, a introdução das ocupações desempenhadas de forma principal pelos chefes de domicílio à análise demográfica dos mesmos pode gerar intersecções interessantes que permitam esclarecer melhor o perfil tanto demográfico quanto econômico dos senhores e fogos sob análise.

Nesse sentido, verificou-se que, entre as 15 proprietárias mulheres, 10 (66,67%) viviam de ofício, 2 (13,33%) eram agricultoras, 2 (13,33%) plantavam mantimentos e 1 (6,67%) vivia de negócios. Adicionalmente, todas as 10 proprietárias que viviam de ofício estavam ligadas ao setor têxtil, sendo que 9 (90,0%) delas fiavam ou teciam algodão, e a 1 restante costurava. Entre os proprietários homens, 20 (35,71%) eram agricultores, 12 (21,43%) viviam de ofício, 7 (12,50%) plantavam mantimentos, 5 (8,93%) viviam de negócios, 4 (7,14%) eram eclesiásticos, 3 (5,36%) ou tinham ocupação indeterminada ou não tinham ocupação nenhuma, 3 (5,36%) ou eram jornaleiros ou viviam de jornais de outrem, 1 (1,79%) era escrivão e o último (1,79%) era mercador de loja.

O resultado verificado acima evidencia que, embora todos os fogos tivessem apenas um escravizado, as atividades desempenhadas variavam fortemente com o sexo do proprietário. Naturalmente, poderiam haver outras forças para além do sexo do proprietário que poderiam justificar tais diferenças nas ocupações exercidas, como a mão de obra familiar disponível e as características dos escravizados, como sexo e idade.

4.4.2 OS ESCRAVIZADOS SOLITÁRIOS EM GUARATINGUETÁ

Ao que tange as características demográficas dos 71 escravizados em plantéis unitários, chamados aqui de solitários, verificou-se que 57 (80,28%) deles eram crioulos, 13 (18,31%) eram africanos e 1 (1,41%) não teve sua origem discriminada: Apolonia, de 14 anos, único elemento no plantel de Estevão Joze da Silva. Entre os africanos, predominavam os de “Banguela”, eram 11 (84,61%). Os dois restantes eram de Angola e Congo.

Como visto anteriormente, 27 (38,03%) eram do sexo masculino, enquanto 44 (61,97%) eram do sexo feminino, gerando assim uma razão de sexo de 61,37. Trata-se de uma razão muito diferente daquela registrada para a totalidade da escravaria de Guaratinguetá, independentemente da faixa de tamanho de plantel: 116,11, o que evidencia que as escravarias unitárias destoavam, pelo menos em relação ao sexo, da tendência local. Em relação à cor dos indivíduos escravizados, a grande maioria era negra (87,33%), seguida dos pardos (11,27%). Havia ainda a escravizada registrada como branca, Joana.

A intersecção das informações de cor, sexo e origem dos escravizados podem ser verificadas na tabela 17 a seguir. Entre os negros brasileiros, predominavam as mulheres, o que não se observou entre os negros africanos. Já em relação aos pardos, todos eram crioulos, com iguais frequências de homens e mulheres.

Tabela 17 – Frequência de escravizados por origem, sexo e cor – Guaratinguetá (1809)

Cor	Sexo	Origem				Total	%
		Brasil	%	África	%		
Negro	Masculino	14	25,00	9	69,23	23	33,33
	Feminino	34	60,71	4	30,77	38	55,07
Pardo	Masculino	4	7,14	-	-	4	5,80
	Feminino	4	7,14	-	-	4	5,80
Total		56	100,00	13	100,00	69	100,00

*Os 2 escravizados não incluídos na tabela são aqueles sem origem determinada (1) e de cor branca (1).

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Introduzindo os estados conjugais, dos 71 escravizados listados, 67 eram solteiros (94,37%). Dos restantes, 3 (4,23%) eram casados – dos quais 2 eram homens e 1 era mulher – e 1 (1,40%) era viúvo, na verdade, viúva: Maria, escravizada negra de 96 anos, elemento mais velho entre as escravarias unitárias.

Tratando-se da idade dos escravizados em plantéis unitários nascidos no Brasil, constatou-se que 24 (42,10%) deles tinham entre 20 a 29 anos, e que 38 (66,67%) estavam na idade produtiva, percentual superior àquele verificado para os escravizados crioulos da localidade como um todo. A tabela 18 abaixo traz detalhes da distribuição dos escravizados por faixa de idade, sexo e estado conjugal:

Tabela 18 – Frequência de escravizados crioulos por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Guaratinguetá (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Estado Conjugal			Total
		Casados	Solteiros	Viúvos	
0 a 9	Masculino	-	-	-	-
	Feminino	-	4	-	4
10 a 19	Masculino	-	6	-	6
	Feminino	-	9	-	9
20 a 29	Masculino	1	10	-	11
	Feminino	1	12	-	13
30 a 39	Masculino	-	-	-	-
	Feminino	-	4	-	4
40 a 49	Masculino	-	1	-	1
	Feminino	1	-	-	1
50 a 59	Masculino	-	-	-	-
	Feminino	-	4	-	4
60 ou mais	Masculino	-	-	-	-
	Feminino	-	3	1	4
Total		3	67	1	57

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Entre os africanos, 9 (69,23%) tinham entre 15 e 49 anos, a idade produtiva; 3 (23,08%) tinham entre 13 e 14 e 1 (7,69%) tinha 62 anos. Assim, o percentual de escravizados em idade produtiva era inferior àquele verificado para os que vieram da África na localidade como um todo.

Deste modo, o perfil demográfico modal dos escravizados residentes em domicílios com um único elemento no plantel era: mulher, negra, nascida no Brasil, solteira, com idade entre 20 e 29 anos. Era o caso de Maria, escravizada de 22 anos, solteira, que residia com a senhora Josefa da Silveira, viúva de 44 anos, e sua filha Francisca, solteira, de 20 anos. Conforme o registro da Lista Nominativa, as três mulheres viviam de costuras.

Atrelando as características econômicas às demográficas mencionadas acima, torna-se possível avaliar se as ocupações desempenhadas pelos domicílios com escravarias unitárias acompanham, em alguma medida, os atributos dos escravizados. Em relação aos escravizados de origem brasileira, a tabela 19 a seguir

detalha as frequências por faixa de idade, sexo e ocupação principal do chefe do domicílio em que estavam alocados.

Nota-se que os escravizados mais jovens estavam alocados nos domicílios dedicados à agricultura propriamente dita, enquanto os mais velhos eram maioria entre os que viviam de ofício. Entretanto, as idades por si só não diziam muito sobre a ocupação desempenhada de forma principal pelo fogo, uma vez que havia sempre uma concentração em torno da idade dita produtiva.

Tabela 19 – Frequência de escravizados crioulos por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Guaratinguetá (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Ocupação Principal do Fogo					Total
		Agricultor	Vive de Ofício	Planta Mantimentos	Vive de Negócios	Outros	
0 a 9	Masculino	-	-	-	-	-	-
	Feminino	4	-	-	-	-	4
10 a 19	Masculino	2	2	-	1	1	6
	Feminino	2	4	2	-	1	9
20 a 29	Masculino	5	2	1	1	2	11
	Feminino	5	5	2	-	1	13
30 a 39	Masculino	-	-	-	-	-	-
	Feminino	2	-	1	-	1	4
40 a 49	Masculino	-	-	1	-	-	1
	Feminino	-	1	-	-	-	1
50 a 59	Masculino	-	-	-	-	-	-
	Feminino	1	2	-	-	1	4
60 ou mais	Masculino	-	-	-	-	-	-
	Feminino	1	2	-	-	1	4
Total		22	18	7	2	8	57

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Em relação aos “outros” mencionados na tabela 19, estes eram: entre os escravizados de 10 a 19, o indivíduo do sexo masculino, Leandro, residia no fogo de um eclesiástico, enquanto o indivíduo do sexo feminino, Margarida, residia em fogo com ocupação indefinida; entre os escravizados de 20 a 29 anos, um dos homens, Teles, era parte do plantel de um eclesiástico, enquanto o outro, Marcelino, trabalhava com jornais. Já a mulher, Felicia, era de posse de proprietário jornaleiro; o indivíduo com idade entre 30 e 39, Faustina, vivia em fogo registrado economicamente como sem ocupação; o escravizado com idade entre 50 e 59 anos, Reza, era parte do plantel de proprietário jornaleiro; e, por fim, Benta, a mulher na faixa de idade de 60 anos ou mais, era de posse de Manuel Marques de Miranda, eclesiástico da localidade.

Em todas as ocupações, exceto os “negócios”, as escravarias eram tanto masculinas quanto femininas, sem nenhuma polarização clara, o que também indicava que o sexo do escravizado crioulo não parecia ser determinante para a atividade econômica desempenhada pelo domicílio.

Quanto aos escravizados africanos, eram 4 aqueles com idade entre 10 e 19 anos, dos quais 3 eram homens – 2, Joaquim e Paulo, alocados em fogos que viviam de ofício e 1, Domingos, de posse de mercador de loja – e 1, Maria, era mulher, parte do plantel de um chefe que vivia de negócios. Além disso, 7 tinham idade entre 20 e 29 anos, 4 homens e 3 mulheres: cada um dos homens estava vinculado a uma atividade econômica diferente – João vivia de negócios, Joaquim plantava mantimentos, Francisco vivia com um eclesiástico e João tinha ocupação indeterminada – enquanto entre as mulheres, 2 eram compunham plantéis de fogos que viviam de negócios, ambas Marias, e 1 era de posse de um escrivão, Tereza. Por fim, restavam 2 homens cujos domicílios viviam de ofício, um na faixa dos 30 aos 39 anos, Domingos, e outro na faixa de 60 anos ou mais, Caetano. Da mesma forma que os escravizados brasileiros, nem o sexo nem as idades dos escravizados podem ser indicados com propriedade como fatores correlacionados à atividade econômica dos domicílios. Como resultados semelhantes foram observados entre as duas origens verificadas para os escravizados, tampouco esse atributo poderia ser visto como correlacionado à atividade econômica desempenhada pelos fogos.

Dando enfoque à produção dos domicílios com plantéis unitários, procurou-se observar se as características demográficas dos escravizados, em especial sexo e idade, estavam relacionadas ao montante agrícola cultivado nos domicílios para aquele ano. Em primeiro lugar, tabulou-se as médias e os respectivos desvios padrão da produção de cada gênero segundo o sexo do escravizado, como está demonstrado na tabela 20. As produções de farinha de mandioca, mandioca e tabaco não foram tabuladas pois estavam concentradas, cada uma delas, em apenas um fogo, todos eles com escravizados do sexo feminino. Assim, as médias seriam a própria produção e os desvios padrão seriam nulos.

Tabela 20 – Média e desvio padrão da produção por gênero e sexo do escravizado – Guaratinguetá (1809)

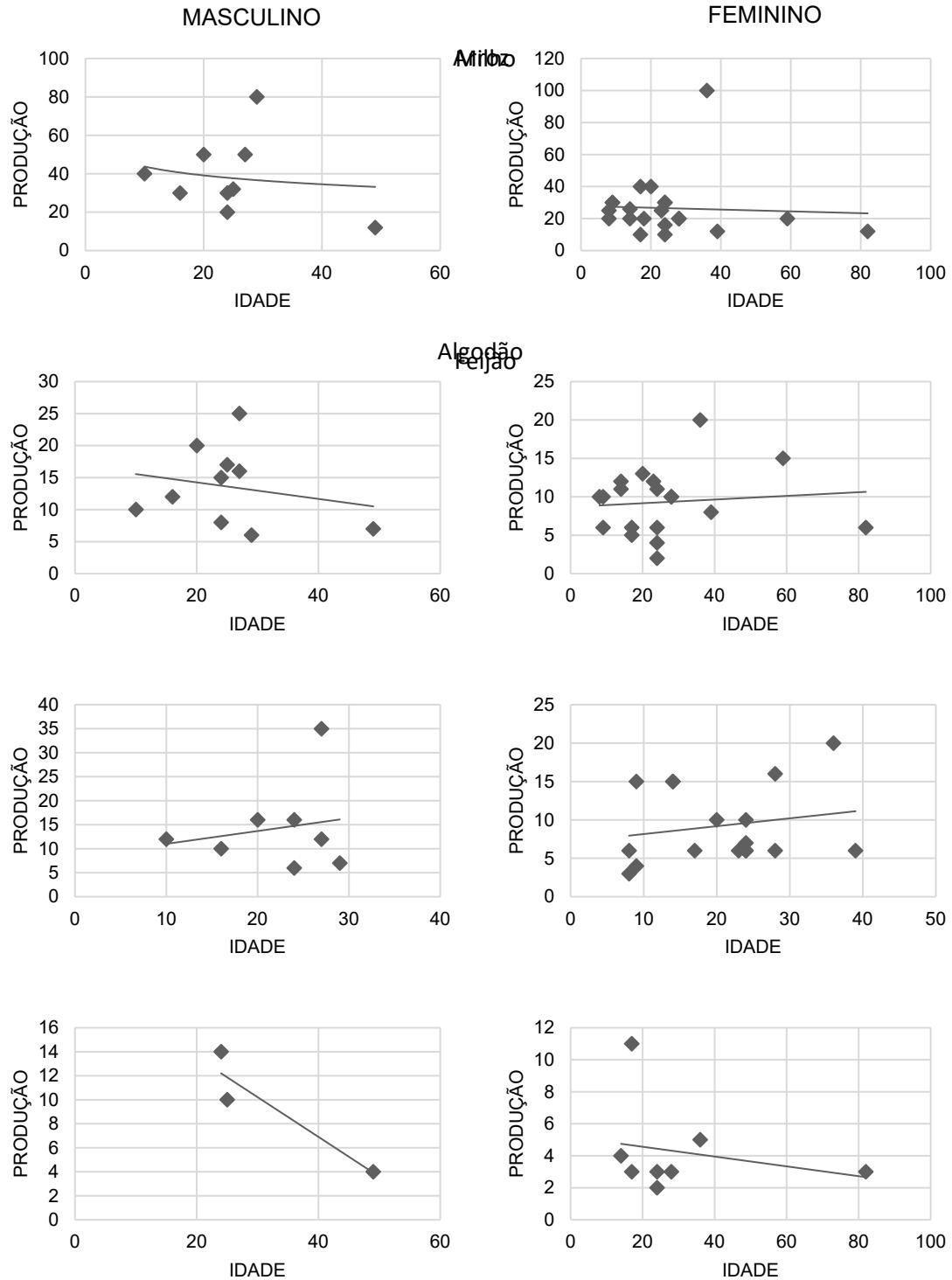
Sexo	Indicador	Milho	Feijão	Arroz	Algodão	Farinha
Masculino	Média	38,22	13,60	14,25	7,00	40,00
	Desvio Padrão	18,91	5,82	8,07	3,70	0,00
Feminino	Média	26,48	9,06	9,24	4,25	8,67
	Desvio Padrão	18,45	4,16	4,89	2,68	5,68

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

No caso de todos os produtos cultivados em mais de um fogo em cada faixa de sexo do escravizado, a produção média nos domicílios com escravaria masculina foi maior do que a média dos domicílios com escravarias femininas. Assim, se supormos que toda a mão de obra fosse escravizada, estaria evidente que a produtividade masculina era superior à feminina. Por outro lado, a variância da produção entre os domicílios com escravizados homens também se mostrou acima daquela verificada para os domicílios com escravizadas mulheres, o que quer dizer os montantes produzidos nos fogos com escravizados do sexo masculino eram menos homogêneos do que aqueles produzidos nos fogos com escravizadas do sexo feminino.

Observando o impacto da idade do escravizado sob a produção, conforme a figura 4, notou-se que nas culturas de milho e algodão a produção dos fogos variava negativamente com a idade do escravizado, em ambos os sexos. No plantio de arroz, o oposto foi verificado: quanto mais velhos os escravizados, maior o montante produzido. Por outro lado, no caso do feijão, foram observados comportamentos diferentes entre as produções de fogos com escravarias masculinas e femininas: enquanto a produção nos domicílios com escravaria masculina decaía com a idade, a produção naqueles domicílios com escravaria feminina aumentavam com ela.

Figura 4 – Produção dos domicílios, por gênero alimentício, sexo e idade do escravizado – Guaratinguetá (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

O caso do algodão produzido pelos domicílios com escravarias unitárias é um bom ilustrador do problema das poucas observações: havia apenas 3 fogos com escravizado masculino que produziam algodão, e um deles estava enviesando

completamente a curva de tendência. Isso demonstra que a análise deve ser feita com cautela, tendo em vista possíveis vieses decorrentes da extensão limitada das observações.

Portanto, duas hipóteses podem ser levantadas, tudo o mais constante: primeiramente, os comportamentos diferentes das tendências lineares das dispersões podem dever-se aos atributos específicos necessários para a produção de determinado gênero ou ainda à cultura comportamental local: por exemplo, pode ser que a produção de arroz fosse menos custosa, do ponto de vista de empreño e mão de obra, do que a de milho, ou ainda, poderia ser o caso de a produção de feijão ser uma atribuição comum à escravizadas mais velhas. Em segundo lugar, pode-se entender que, no limite, a idade dos escravizados não era fator determinantemente relacionado ao montante da produção do fogo, já que um padrão comum de sinal da inclinação não é observado.

4.4.3 OS OUTROS MORADORES DOS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIAS UNITÁRIAS EM GUARATINGUETÁ

Tendo sido analisadas as características demográficas e econômicas com relação aos proprietários e escravizados, é relevante uma caracterização dos demais habitantes daqueles fogos: uma vez que o número de proprietários e escravizados era constante – ambos em 1 por, domicílio – a única variável de contagem demográfica era a população livre nos domicílios, os demais moradores. Desconsiderados os chefes de domicílio e os escravizados, 200 (58,48%) outros moradores ocupavam os domicílios com escravaria unitária. Em geral, tratava-se da família do proprietário, principalmente cônjuges (23,0%), filhos (66,0%), irmãos e sobrinhos (1,5%), mas também apareciam agregados/camaradas (6,0%), juntamente com seus filhos (1,0%), expostos (1,5%) e a família livre de escravizados (1,0%). A tabela 21 abaixo enumera esses moradores livres por faixa de idade, cor, sexo do indivíduo e sexo do proprietário:

Tabela 21 – Frequência de moradores livres (exceto chefe do fogo) por faixa de idade, sexo, cor e sexo do proprietário – Guaratinguetá (1809)

Faixa de Idade	Sexo / Cor	Proprietário Homem			Proprietária Mulher	Total
		Branco	Pardo	Negro		
0 a 9	Masculino	35	1	-	-	36
	Feminino	37	2	1	1	41
10 a 19	Masculino	12	4	-	5	21
	Feminino	23	2	-	3	28
20 a 29	Masculino	2	1	-	4	7
	Feminino	19	2	1	7	29
30 a 39	Masculino	-	-	-	-	-
	Feminino	11	1	-	3	15
40 a 49	Masculino	-	-	-	-	-
	Feminino	10	4	-	2	16
50 a 59	Masculino	-	-	-	-	-
	Feminino	3	-	-	-	3
60 ou mais	Masculino	-	-	-	-	-
	Feminino	2	1	-	1	4
Total		154	18	2	26	200

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

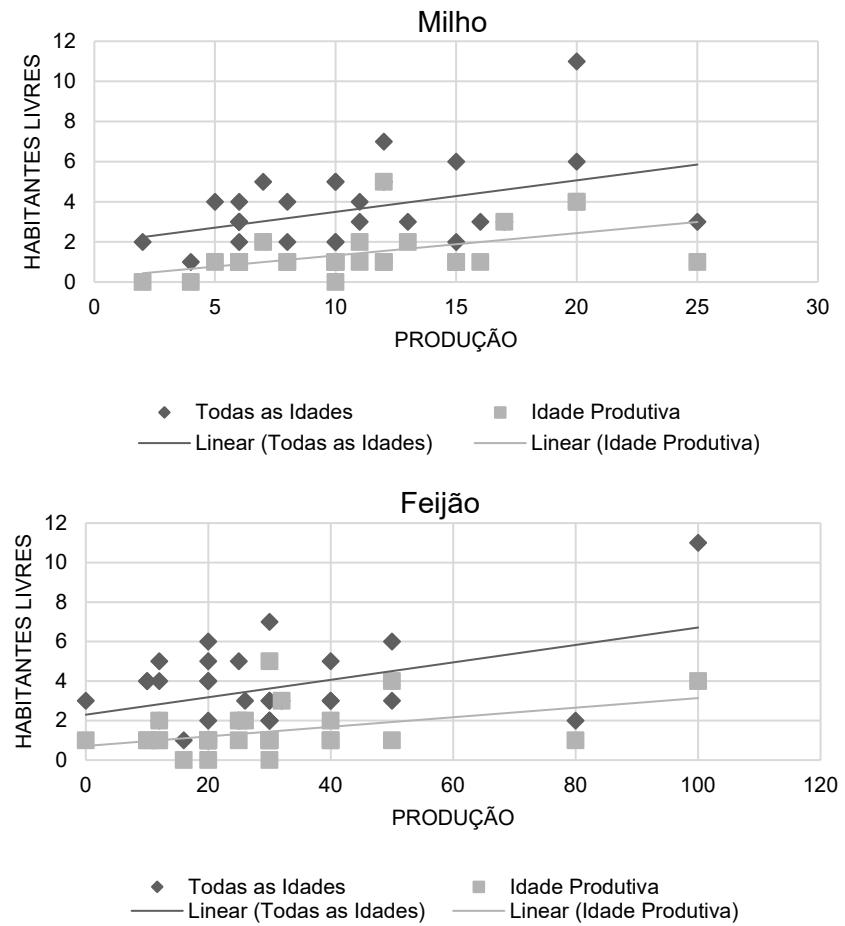
Em primeiro lugar, nota-se que havia mais mulheres entre esses outros moradores, 136 (68,0%), o representava uma razão de sexo de 47,05, a menor apurada até o momento para a vila. Em segundo lugar, a maior parte (90,0%) dos indivíduos eram brancos, seguidos pelos pardos (9,0%) e pelos negros (1,0%). Além disso, chama a atenção o fato de 87,0% dessa população residir em domicílios chefiados por homens. Considerando que eram 56 os fogos com chefes do sexo masculino e 15 aqueles com chefes do sexo feminino, obtinha-se uma média de 3,11 moradores livres – desconsiderando o proprietário – para os domicílios chefiados por homens, frente a uma média de 1,73 moradores livres – desconsiderando a proprietária – para os domicílios chefiados por mulheres.

Do ponto de vista das faixas de idade, os domicílios chefiados por homens concentravam habitantes livres na faixa dos 0 a 9 anos, enquanto aqueles liderados por mulheres possuíam mais habitantes livres na faixa dos 20 aos 29 anos. Em relação aos indivíduos em idade produtiva, eram 69 (39,66%) entre os fogos de proprietários masculinos, e 20 (76,93%) entre os de proprietárias mulheres. Esses dados podem indicar que, enquanto nos domicílios liderados por homens predominava uma estrutura etária de crescimento natural ainda funcional, os domicílios liderados por mulheres eram mais “estéreis”, muito provavelmente em função da frequente viuvez e idade avançada das proprietárias.

Incluindo na análise dos outros moradores dos fogos com escravarias unitárias a informação de ocupação principal desempenhada, verificou-se que 79 (39,50%) desses habitantes viviam em fogos cuja a ocupação principal era de agricultor, 46 (23,0%) viviam em fogos cujos membros viviam de ofício, 33 (16,50%) estavam naqueles domicílios dedicados de modo principal ao plantio de mantimentos e 18 (9,0%) viviam em fogos cujo chefe vivia de negócios. Embora essa distribuição estivesse alinhada com a frequência das ocupações principais entre os fogos com escravaria unitária, os domicílios cuja ocupação principal era de agricultor, embora dividissem a moda com aqueles de ocupação principal “vive de ofício”, concentravam um número de moradores consideravelmente maior.

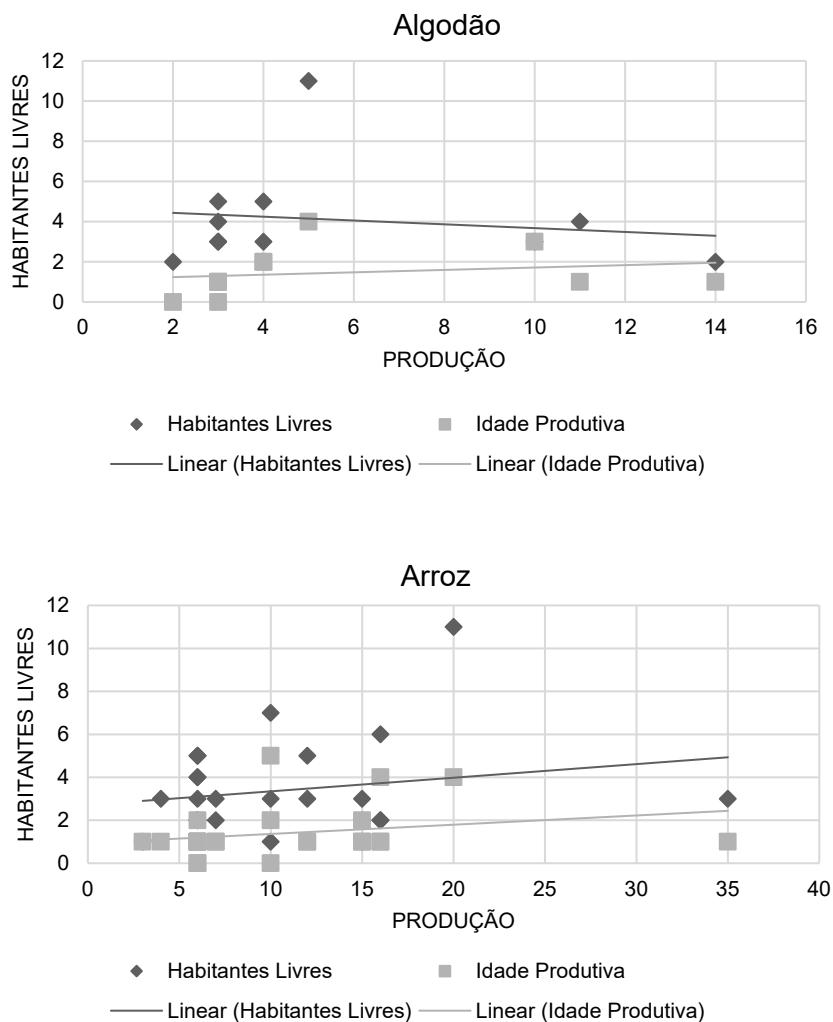
Por outro lado, verificou-se que a produção da maioria dos gêneros cultivados pelos fogos com plantéis unitários era positivamente relacionada tanto ao número de indivíduos livres – excluído o chefe do domicílio – quanto ao número de indivíduos livre em idade produtiva residentes, como pode ser verificado na figura 5 para as culturas de milho e feijão, e na figura 6 para o arroz, itens de maior representatividade. Esse resultado gera duas potenciais preposições. A primeira diz respeito à natureza do cultivo dos gêneros em si: como se tratavam em grande parte de itens de subsistência, seu consumo provavelmente se dava dentro do próprio domicílio, para a alimentação familiar. Nesse sentido, um domicílio mais populoso demandava mais alimentos e, portanto, a produção acompanharia tal crescimento natural da demanda interna. A segunda preposição, que poderia inclusive interseccionar a primeira, consiste na disponibilidade e emprego da mão de obra livre familiar nos domicílios. Como a produção, em grande parte dos casos, é função positiva do número de residentes em idade produtiva, e a mão de obra escravizada é constante, essa mão de obra livre poderia estar sendo empregada na produção agrícola do fogo.

Figura 5 – Produção de milho e feijão por habitantes livres (exceto chefe do fogo) – Guaratinguetá (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

Figura 6 – Produção de algodão e arroz por habitantes livres (exceto chefe do fogo) – Guaratinguetá (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá para o ano de 1809.

No caso do algodão, a mesma tendência das demais culturas não era observada. No seu plantio, a produção tinha uma correlação negativa com o número de habitantes livres. Tal tendência era fortemente influenciada por um fogo altamente produtivos e com baixo número de habitantes livres: o domicílio liderado por José da Silva Rosa, de 36 anos, que com 4 habitantes livres, e apenas 1 em idade produtiva, Margarida, sua esposa, colheu 11 arrobas de algodão em 1809. Em relação a esse domicílio, é relevante mencionar que os 2 habitantes livres eram a família do escravizado Agostinho, negro de 24 anos, ali residente: sua mulher Iolanna, de 21 anos, e sua filha Marianna, de 1 ano. Embora vivessem no domicílio juntamente com Agostinho, a Lista Nominativa não denomina Iolanna e Marianna como escravizadas.

Mesmo sem o status de escravizada, é razoável imaginar, levando em conta a produtividade acima da média do domicílio, que Iolanna se dedicava fortemente ao trabalho na lavoura ao lado de seu marido e, portanto, na prática, é como se o domicílio contasse com dois escravizados.

Assim, pode-se concluir que parecia haver uma tendência de emprego da mão de obra livre, para além do senhor, na produção dos domicílios com plantéis unitários.

5 CAMPINAS: INFORMAÇÕES GERAIS, ESTRUTURA DE POSSE E ESCRAVARIAS UNITÁRIAS

A segunda localidade estudada foi a então Villa de São Carlos, posteriormente denominada Campinas, também no ano de 1809. Da mesma forma que realizado para Guaratinguetá, em primeiro lugar apresentam-se as características gerais dos habitantes e domicílios da localidade, e em seguida avançar-se-á para os tópicos de estrutura de posse e escravarias unitárias.

5.1 INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS GERAIS DE CAMPINAS

Unindo as 6 Companhias de Ordenanças mencionadas na Lista Nominativa para Campinas, foram listados 5.045 habitantes, distribuídos em 605 fogos, representando, portanto, uma média de 8,34 residentes por domicílio, com desvio padrão igual a 9,36. Dos habitantes listados, 2.807 (55,64%) eram homens e 2.237 (44,34%) eram mulheres, o que resultava em uma razão de sexo de 125,48, ou seja, para cada 100 mulheres na localidade, havia 125 homens, aproximadamente. Havia apenas 1 (0,02%) de sexo indeterminado. Ao que tange à condição social, 3.273 (64,88%) dos residentes eram livres, enquanto os demais 1.772 (35,12%) eram escravizados. Na tabela 22 abaixo, os contingentes livre e escravizado podem ser verificados, segregados por sexo:

Tabela 22 – Distribuição da população por sexo e condição social - Campinas (1809)						
Sexo	Livres	%	Escravizados	%	Total	%
Masculino	1.634	49,92	1.173	66,20	2.807	55,64
Feminino	1.638	50,05	599	33,80	2.237	44,34
Indeterminado	1	0,03	-	-	1	0,02
Total	3.273	100,00	1.772	100,00	5.045	100,00

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Pela análise da tabela acima, verifica-se que embora os homens fossem maioria dentre a população geral e entre os escravizados – esse último grupo possuía razão de sexo de 195,82, bastante superior ao índice da população geral – as mulheres predominavam entre os habitantes livres, ainda que de forma sutil, com uma razão de sexo equilibrada de 99,76.

No que se refere à cor dos indivíduos, 2.017 (39,98%) foram declarados como brancos, todos livres, com exceção a dois escravizados: Estevão e Maria, casados,

ambos parte do plantel do Capitão Inácio Ferreira de Sá¹⁵. A população negra contava com 1.665 (33,00%) habitantes, escravizados quase em sua totalidade: foram registrados apenas 21 indivíduos negros livres¹⁶. Por fim, os pardos eram 1.363 (27,02%) da população, sendo a maior parte deles indivíduos livres, 1.237 (90,76%) no total. Assim, verificou-se que o contingente escravizado era constituído da seguinte forma: 1.644 (92,78%) eram negros, 126 (7,11%) eram pardos e 2 (0,11%) eram brancos.

No que se refere aos estados conjugais, tanto entre os indivíduos livres como entre os escravizados os solteiros eram predominantes, sendo eles 1.998 (61,04%) entre os livres e 1.312 (74,04%) entre os escravizados. Logo após, vinham os casados: 1.139 (34,80%) dos indivíduos livres, ao passo que esse número era de 435 (24,55%) entre os escravizados. O restante da população era composta ou por viúvos – 25 (1,41%) dos escravizados e 127 (3,88%) dos livres – ou por eclesiásticos – 9 (0,27%) dos livres.

Para a análise das idades dos habitantes, a abordagem empregada foi a divisão da população em treze faixas de idade, de cinco anos cada: (i) de 0 a 4 anos¹⁷; (ii) de 5 a 9 anos; (iii) de 10 a 14 anos; (iv) de 15 a 19 anos; (v) de 20 a 24; (vi) de 25 a 29 anos; (vii) de 30 a 34 anos; (viii) de 35 a 39 anos; (ix) de 40 a 44 anos; (x) de 45 a 49 anos; (xi) de 50 a 54 anos; de (xii) de 55 a 59 anos; e (xiii) com 60 anos ou mais. A distribuição da população entre as faixas de idade, tanto entre os livres¹⁸ quanto entre os escravizados estão demonstradas nas pirâmides etárias ilustradas na figura 7:

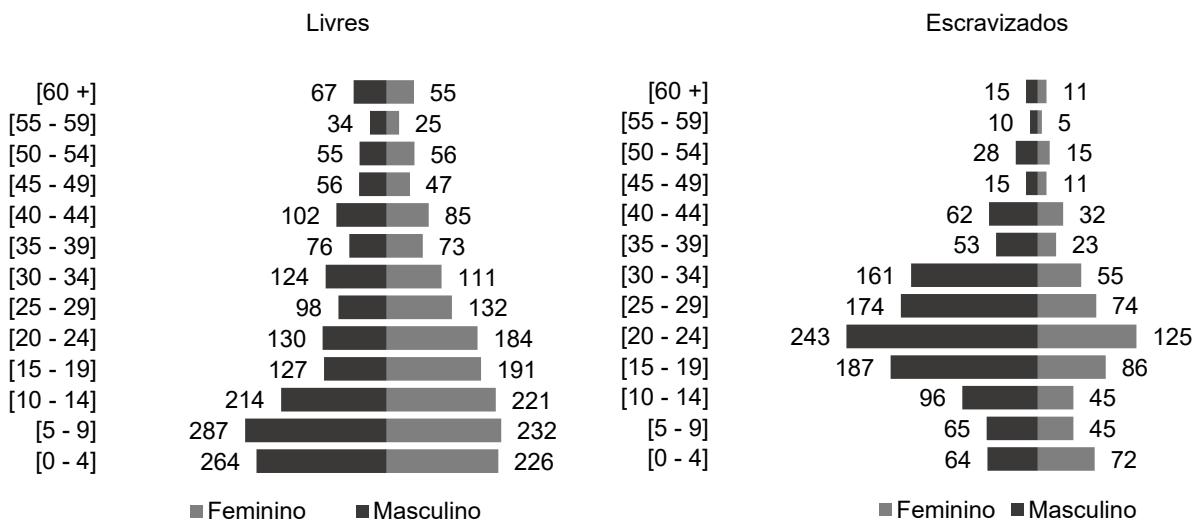
¹⁵ Os escravizados foram registrados na Lista Nominativa, de fato, como sendo brancos. Essa informação, entretanto, deve ser interpretada com cautela, pois pode se tratar de simples equívoco do escrivão. Essa possibilidade deve ser considerada antes da edificação de teorias elaboradas que explicariam o registro, como por exemplo, a tendência ao “embranquecimento” da população negra.

¹⁶ Em nenhuma altura da Lista Nominativa é citado o termo “forro” para referir-se aos negros livres, do mesmo modo que nenhuma outra consideração acerca de sua liberdade é registrada. Assim, não se pode afirmar que os indivíduos foram libertos por alforria ou se eram livres desde o nascimento.

¹⁷ Os indivíduos com “zero anos” não aqueles com menos do que 12 meses de vida.

¹⁸ Não foram considerados o indivíduo com sexo indeterminado.

Figura 7 – Pirâmides etárias por faixas de idade, livres e escravizados – Campinas (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

A análise dos gráficos evidencia uma diferença significativa na forma das pirâmides de cada grupo. Enquanto na pirâmide dos livres a base era mais alargada, e a tendência era ir se estreitando à medida que as faixas de idade aumentavam, a pirâmide dos escravizados apresentava o centro mais pronunciado, com base e topo mais estreitos. Essa diferenciação era esperada entre os diferentes grupos, considerando que a dinâmica de expansão da população escravizada era fortemente influenciada pelo tráfico de indivíduos em idade produtiva.

Assim como destacado para a localidade de Guaratinguetá, a expressividade da faixa de indivíduos com 60 anos ou mais tanto entre os livres quanto entre os escravizados deve-se mais ao agrupamento de mais anos naquela faixa superior do que as demais faixas do que uma representatividade destacada dessa faixa de idade, que acabasse por distorcer a forma do gráfico.

5.2 INFORMAÇÕES ECONÔMICAS GERAIS DE CAMPINAS

Do ponto de vista das ocupações desempenhadas pelos chefes de domicílios, a agricultura estava presente de forma principal em três quartos (76,03%) dos fogos, por meio das atividades de agricultor, senhor de engenho, plantio de mantimentos ou plantio de canas de partido. Se forem consideradas também as demais ocupações desempenhadas pelos domicílios além da principal, a expressividade da agricultura era ainda mais significativa. A distribuição das atividades principais dos fogos, bem

como a distribuição das demais atividades desempenhadas de forma acessória, estão tabuladas na tabela 23 abaixo:

Tabela 23 – Distribuição das ocupações principais e acessórias – Campinas (1809)

Ocupação	Frequência como ocupação principal	%	Frequência como ocupação acessória	%
Agricultor	366	60,50	1	1,18
Senhor de engenho	49	8,10	1	1,18
Planta mantimentos	39	6,45	49	57,65
Vive de esmolas	26	4,30	-	-
Vive de ofício	25	4,13	-	-
Indeterminado	23	3,80	1	1,18
Vive de jornais	22	3,64	2	2,35
Nada	9	1,49	-	-
Vive de negócios	8	1,32	-	-
Planta Canas de Partido	6	0,99	7	8,24
Outros	33	5,29	27	31,76
Total	605	100,00	85*	100,00*

* Ao contrário da ocupação principal, que está presente e é única para cada domicílio, as ocupações acessórias não estão presentes em todos eles, ao passo que um mesmo fogo pode contar com mais de uma ocupação acessória.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Os fogos, majoritariamente (86,61%), tinham apenas uma ocupação sendo desenvolvida, pelo menos de forma declarada na Lista Nominativa. Os que tinham duas ocupações, por sua vez, representavam 12,73%, enquanto os domicílios restantes desempenhavam o máximo de três ocupações.

Em relação aos itens produzidos na localidade¹⁹, foram identificados itens agrícolas e pecuários. Na agricultura, o açúcar foi o item mais produzido, seguido pelos víveres básicos milho e feijão. A tabela 24 abaixo apresenta os produtos e o tamanho da produção registrada para o ano:

¹⁹ Faz-se relevante mencionar que na Lista Nominativa para a 6^a Companhia de Ordenanças de Campinas, o escrivão preocupou-se em registrar apenas os produtos e quantidades ligados aos engenhos, ou seja, açúcares e aguardente. Embora tenha sido citado que os fogos “plantavam mantimentos”, as informações de quais eram os gêneros e quais os montantes produzidos não foram recolhidas. Portanto, as quantidades apresentadas para os outros víveres dizem respeito apenas às 5 primeiras Companhias de Ordenanças.

Tabela 24 – Principais gêneros agrícolas produzidos – Campinas (1809)

Gênero	Unidade de medida	Quantidade produzida
Açúcar*	arrobas	53.422
Milho	alqueires	38.503
Feijão	alqueires	2.589
Aguardente	canadas	2.470
Arroz	alqueires	557
Algodão	arrobas	174
Trigo	alqueires	30

*Em Açúcar foram englobadas as qualidades açúcar branco, açúcar alvo, açúcar redondo e açúcar mascavo.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Com base nos dados disponíveis, a forte produção do açúcar e aguardente vis-à-vis aos demais poucos gêneros evidencia que a sociedade Campineira parecia muito voltada à produção agrícola para exportação, conforme já apontado por Teixeira (2017). Outro fator que corroborava esse argumento era a baixa produção pecuária verificada: foram listados apenas 200 cabeças de capados sendo criadas na região. Naturalmente, esses dados devem ser vistos com cautela, afinal, poderiam haver critérios adotados pelas pessoas que preencheram as Listas que desconhecemos, como por exemplo, apenas produções expressivas seriam registradas. De qualquer modo, os dados apontam na direção de uma economia centralmente baseada nos produtos dos engenhos.

Assim como no caso de Guaratinguetá, embora a Lista Nominativa não mencione a ocupação específica de cada indivíduo listado, tampouco qual a origem do trabalho empregado na produção de cada fogo, pode-se imaginar que a produção dos fogos sem escravaria era fruto de mão de obra livre. Dos 605 domicílios arrolados em Campinas, no ano de 1809, 406 (67,10%) não possuíam escravaria, ou seja, presume-se que a produção desses domicílios fosse, de modo geral²⁰, empreendida por mão de obra livre familiar. As participações dos domicílios sem escravizados no total produzido na localidade estão tabuladas na tabela 25 a seguir:

²⁰ Nesse ponto, novamente mostra-se relevante mencionar que não se pode afirmar que toda a produção desses domicílios derivava de mão de obra livre. Existia a possibilidade, por exemplo, de a produção dos domicílios ter o envolvimento de escravizados de ganho.

Tabela 25 – Participação dos fogos sem escravizados na produção total – Campinas (1809)

Gênero	Unidade de medida	Quantidade produzida total	Quantidade produzida fogos sem escravizados	%
Açúcar*	arrobas	53.422	-	-
Milho	alqueires	38.503	21.689	56,33
Feijão	alqueires	2.589	966	37,31
Aguardente	canadas	2.470	-	-
Arroz	alqueires	557	223	40,04
Algodão	arrobas	174	71	40,80
Trigo	alqueires	30	30	100,00

*Em Açúcar foram englobadas as qualidades açúcar branco, açúcar alvo, açúcar redondo e açúcar mascavo.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Observou-se que, exceto no caso do milho e do trigo – esse último sendo, inclusive, todo produzido por domicílios sem escravaria – a maior parte da produção agrícola da localidade vinha dos domicílios com escravizados, que concentravam 2.979 (59,05%) moradores. A mesma tendência do milho e do trigo foi observada na pecuária: 112 (56,00%) das cabeças criadas localmente pertenciam aos domicílios sem escravizados. Nesse contexto, destacava-se a produção do açúcar e da aguardente, exclusiva aos domicílios com escravizados a sua disposição. Assim, evidenciou-se que as ocupações dos domicílios sem escravizados, bem como sua mão de obra livre atrelada, estavam ligadas intimamente à subsistência local, ao mesmo tempo que a produção açucareira e seus derivados era empregada em sua totalidade por domicílios com escravarias.

Para a análise da produtividade nos diferentes tipos de fogos, com e sem escravarias, definiu-se como produtividade média o quociente do produto pelo número de habitantes em idade produtiva²¹, entre 15 e 49 anos, e obteve-se o indicador de produtividade média para cada produto agrícola, conforme apontado na tabela 26 abaixo:

²¹ Uma vez que as quantidades produzidas para a 6^a Companhia de Ordenanças estavam disponíveis para os itens oriundos dos engenhos, açúcar e aguardente, a produtividade dos demais itens levou em consideração a população em idade produtiva apenas das 5 primeiras Companhias de Ordenanças.

Tabela 26 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Campinas (1809)

Gênero	Produtividade média total	Produtividade média fogos sem escravizados	Produtividade média fogos com escravizados
Açúcar*	18,83	-	29,58
Milho	18,56	23,00	14,85
Feijão	1,25	1,02	1,43
Aguardente	0,87	-	1,37
Arroz	0,27	0,24	0,30
Algodão	0,08	0,08	0,09
Trigo	0,01	0,03	-

Havia, na localidade como um todo, 2.837 indivíduos em idade produtiva, sendo 1.031 residentes em domicílios sem escravaria e 1.806 em domicílios com escravaria. Nas 5 primeiras Companhias de Ordenanças, havia 2.075 indivíduos em idade produtiva, sendo 943 residentes em domicílios sem escravaria e 1.132 em domicílios com escravaria.

*Em Açúcar foram englobadas as qualidades açúcar branco, açúcar alvo, açúcar redondo e açúcar mascavo.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

O resultado obtido aponta que apenas no plantio do milho a produtividade média nos fogos sem escravizados era superior àquela verificada para os fogos com escravarias. Em todas as demais atividades, a mão de obra, em termos médios, se mostrou mais produtiva nos domicílios com escravarias. Essa caracterização, muito provavelmente, devia-se ao trabalho escravizado empregado nesses fogos, cuja mão de obra devia ser totalmente direcionada à atividade desempenhada.

O caso do milho, destoante do que foi observado para os demais gêneros, parece ser função da caracterização feita anteriormente sobre a natureza de subsistência de seu plantio: como se tratava de um cultivo feito em sua maior parte em domicílios sem escravarias, é esperado que esses fogos apresentassem produtividade superior. Por outro lado, os domicílios com escravarias eram principalmente focados na produção do açúcar e derivados, restando ao milho um papel de cultura acessória em boa parte desses fogos.

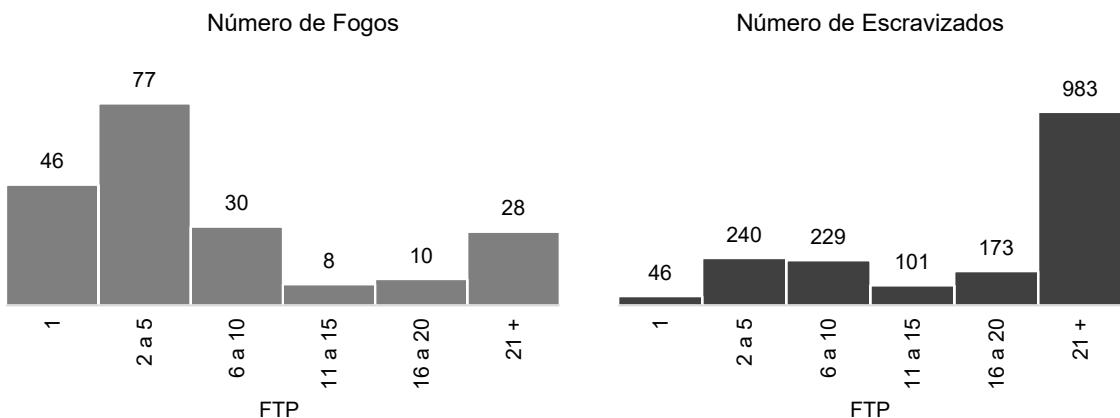
5.3 ESTRUTURA GERAL DA POSSE DE ESCRAVIZADOS EM CAMPINAS

Dos 605 domicílios registrados na Lista Nominativa de Habitantes de Campinas, para o ano de 1809, apenas 199 (32,89%) possuíam escravaria e concentravam os 1.772 escravizados da localidade. Assim, havia 8,90 escravizados por plantel, em média, com desvio padrão de 12,12. A moda era igual a 1 e mediana igual a 4.

Para a análise da distribuição dos escravizados por tamanho de plantel, foram estabelecidas algumas faixas de tamanho de plantel (FTP): (i) plantel com 1

escravizado; (ii) plantel com 2 a 5 escravizados; (iii) plantel com 6 a 10 escravizados; (iv) plantel com 11 a 15 escravizados; (v) plantel com 16 a 20 escravizados; e (vi) plantel com mais de 20 escravizados. A distribuição dos domicílios e do número de escravizados nas FTP está discriminada na figura 8 abaixo:

Figura 8 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP – Campinas (1809)



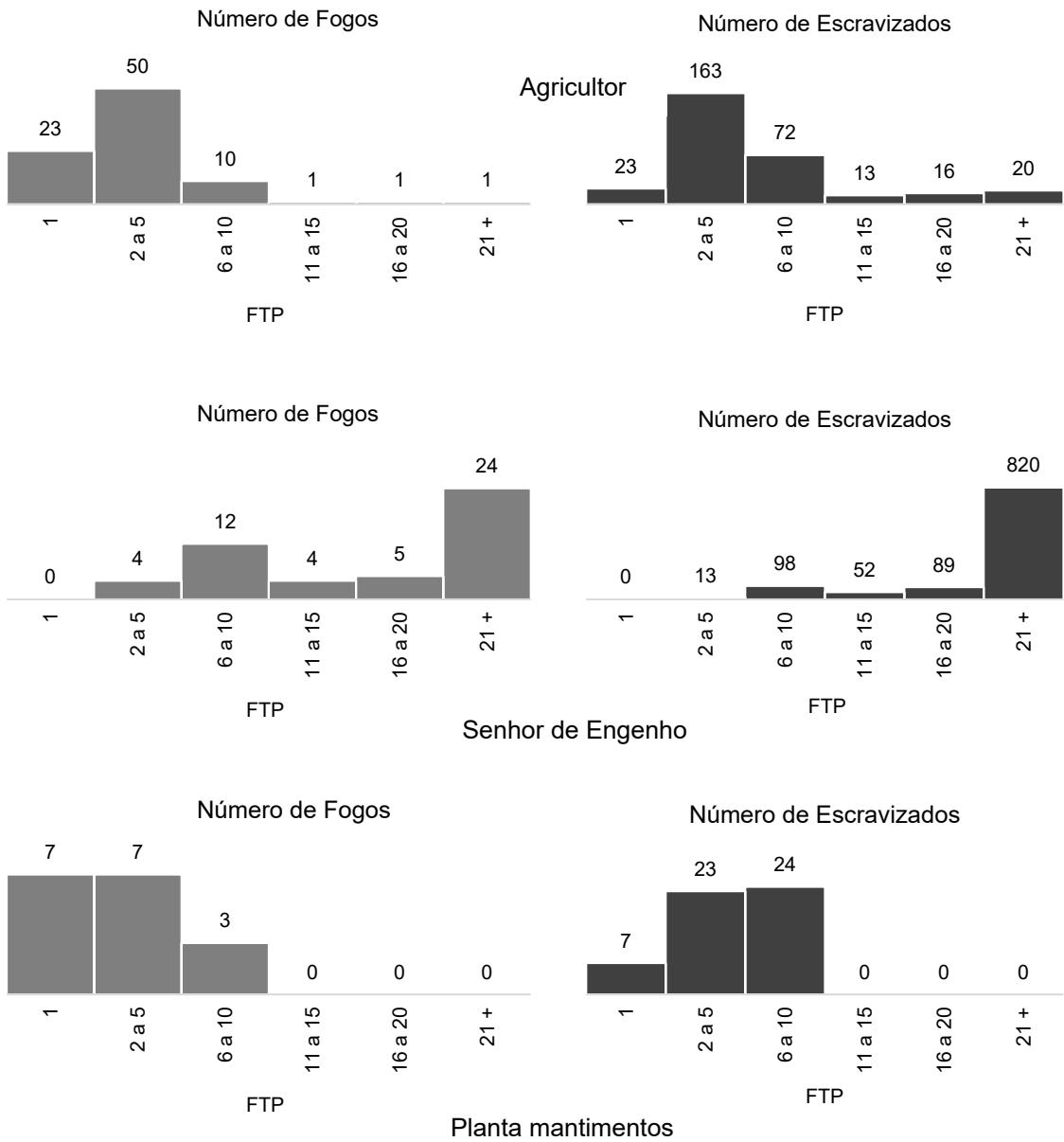
Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

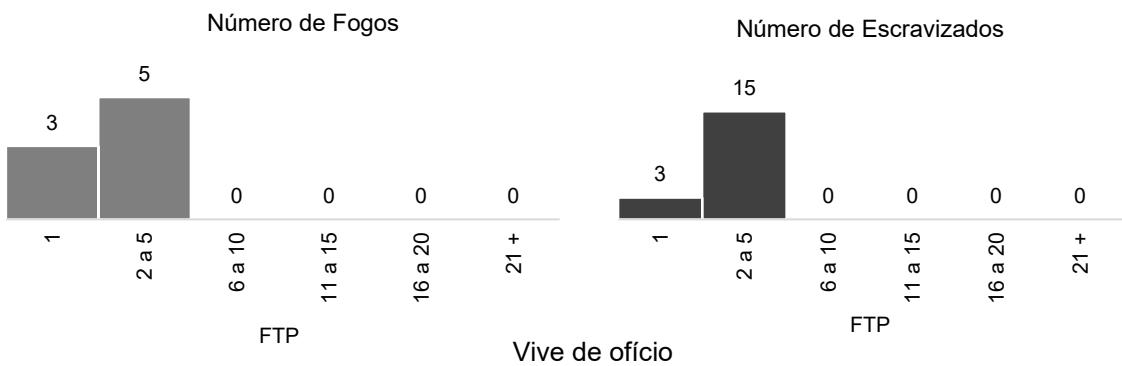
O caráter de concentração à esquerda da distribuição dos fogos nas FTP, ao evidenciar uma predominância de plantéis com poucos escravizados – 61,81% dos domicílios com escravaria possuíam entre 1 e 5 escravizados – demonstram, em Campinas, um cenário semelhante àquele verificado nos estudos empreendidos na literatura de estrutura de posse: de fato, verificou-se um grande número de pequenos proprietários frente a um reduzido número de senhores com muitos escravizados. A distribuição dos escravizados nas FTP, por sua vez, elucidou que os fogos dos pequenos proprietários, com plantéis entre 1 e 5 escravizados, embora mais frequentes, concentravam apenas 16,14% da massa de escravizados. A maior parte dos indivíduos, mais da metade deles (55,47%), estavam nos maiores plantéis, com 21 ou mais indivíduos.

Avançando para a análise da estrutura de posse de escravizados sob a perspectiva das ocupações desempenhadas pelos fogos, 80,40% dos domicílios tinham como ocupação principal do chefe uma das quatro seguintes: agricultor (86), senhor de engenho (49), planta mantimentos (17) e vive de ofício (8). Nos 160 domicílios que se ocupavam dessas atividades citadas, estavam concentrados 1.459 (82,34%) escravizados. Nesse contexto, a análise se atreve apenas à estrutura de posse dos fogos que desempenhavam de forma principal essas quatro ocupações. A

figura 9 a seguir evidencia a distribuição de frequência dos domicílios que dedicavam-se a cada uma dessas ocupações, bem como seus respectivos escravizados, nas FTP.

Figura 9 – Distribuição de fogos e escravizados por FTP, segundo a ocupação principal – Campinas (1809)





Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Por meio das distribuições acima, pode-se afirmar, de antemão, que a parte majoritária (60,50%) do contingente escravizado pertencia aos senhores de engenho e, destes, 76,49% estavam naqueles plantéis com 21 escravizados ou mais. As distribuições tanto do número de fogos quanto o número de escravizados atribuídos aos senhores de engenho eram bastante concentradas à direita, corroborando a predominância das grandes escravarias no desempenho dessa atividade econômica. Por outro lado, os domicílios empenhados nas demais três ocupações demonstradas caracterizavam-se pelas pequenas escravarias, tendendo a ter até 10 indivíduos em seus plantéis.

De fato, o maior proprietário de escravizados naquele ano em Campinas era o Capitão Inacio Ferreira de Sá, 41 anos, casado e morador da 6^a Companhia de Ordenanças. Seus 66 escravizados eram empregados em seu engenho, para a produção de açúcar e aguardente, bem como na atividade acessórias de plantio de mantimentos.

Com base nessas constatações, pode-se afirmar que a maior parte da escravaria de Campinas em 1809 era empregada em atividades agrícolas, principalmente aquelas ligadas aos engenhos. Enquanto o padrão de estrutura de posse nos domicílios com engenhos fosse a predominância de grandes plantéis, o contrário foi verificado para os demais domicílios, a maioria, em geral ligados à subsistência: ali predominavam os pequenos proprietários.

5.3.1 OS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVIZADOS EM CAMPINAS

A grande maioria dos proprietários residentes em Campinas eram homens, 178 (89,45%) dos 199 totais. Evidentemente, os 21 (10,55%) restantes eram mulheres. Com base nesses dados, verificou-se uma razão de sexo de 847,62 para essa população, medida cerca de 7 vezes superior àquela calculada para a localidade como um todo, 125,48. O tamanho do plantel mostrou-se correlacionado ao sexo do proprietário: 80,95% das proprietárias mulheres possuíam até 5 escravizados, e quase todas elas (95,24%) possuíam até 10 escravizados, enquanto entre os proprietários homens, eram 74,72% os que possuíam até 10 escravizados em seus domicílios. De fato, as proprietárias detinham em seus fogos, em média, 3,76 escravizados, com desvio padrão de 3,50, ao passo que, os proprietários do sexo masculino detinham 9,51 escravizados em média, com desvio padrão de 12,62. Deste modo, evidencia-se que as escravarias chefiadas por mulheres eram menos frequentes, menores e com baixa variância de tamanho, quando comparadas àquelas chefiadas pelos homens.

Tratando da cor atribuída aos indivíduos, entre os proprietários do sexo masculino, 174 (97,75%) eram brancos e os 4 (2,25%) restantes eram pardos. Por sua vez, entre as proprietárias do sexo feminino, todas eram brancas. Assim, de maneira conjunta, apenas 2,01% dos proprietários não eram brancos, o que explicita que, em Campinas, a posse de escravizados era um atributo praticamente exclusivo aos de pele clara.

O estado conjugal dos proprietários homens era pouco variante: verificou-se que dos 178 proprietários, 159 (89,33%) eram casados, 11 (6,18%) eram solteiros, 6 (3,37%) eram eclesiásticos, e 2 (1,12%) era viúvos. Trazendo à análise a variável de tamanho do plantel, as escravarias com 2 a 5 escravizados eram predominantes independentemente do estado conjugal do proprietário, com exceção dos viúvos: um deles possuía escravaria unitária – Angelo Alvarez da Assumpção, pardo, de 30 anos – e o outro – Demetrio Jozé de Macedo, branco, de 62 anos, um plantel com 3 elementos.

Em relação à faixa etária dos proprietários do sexo masculino, considerando faixas de aproximadamente 10 anos, havia uma concentração de proprietários com idades entre 30 e 39 anos, com 55 (30,90%) proprietários. Logo após, eram mais frequentes os proprietários com idades entre 40 e 49 anos (23,60%). A faixa de idade

com menos representantes era a mais velha, com 60 anos ou mais, que contava com apenas 18 indivíduos (10,11%).

A tabela 27 abaixo apresenta a distribuição de frequência dos proprietários homens brancos, tanto solteiros quanto casados, grande maioria (93,82%) na localidade, em relação às faixas de tamanho de plantel dos quais eram chefes:

Tabela 27 – Frequência de proprietários brancos por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Campinas (1809)

Faixas de idade	Estado Conjugal	FTP						Total
		1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
18 a 29	Casados	10	8	2	1	3	1	25
	Solteiros	-	1	-	-	-	-	1
30 a 39	Casados	8	20	7	1	2	7	45
	Solteiros	1	1	-	-	-	2	4
40 a 49	Casados	9	13	7	1	3	6	39
	Solteiros	-	-	1	-	-	1	2
50 a 59	Casados	3	9	8	3	1	10	34
	Solteiros	-	1	-	-	-	-	1
60 ou mais	Casados	2	8	1	1	-	1	13
	Solteiros	2	1	-	-	-	-	3
Total		35	62	26	7	9	28	167

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

A faixa de tamanho de plantel com 2 a 5 escravizados era a mais frequente em 3 das 5 faixas de idade. Entre os senhores mais jovens, de 18 a 29 anos, as escravarias unitárias eram majoritárias. Já entre aqueles com entre 50 a 59 anos, as escravarias que mais apareceram foram aquelas com 21 ou mais elementos. Nesse contexto, parecia haver uma tendência, ainda que não linear, de proprietários mais jovens possuírem plantéis menores do que os mais velhos. Portanto, verificou-se que o proprietário do sexo masculino típico era aquele branco, casado, com idade entre 30 a 39 anos e plantel contendo de 2 a 5 escravizado, como era o caso do agricultor Francisco José de Sales, de 35 anos, que vivia com sua mulher, suas duas filhas, e duas escravizadas – Maria, de 50 anos, e Benedita, de 4 anos, ambas negras.

Entre as proprietárias mulheres, a maioria absoluta delas eram viúvas, 19 (90,48%) das 21 listadas. Entre as restantes, 1 era casada – Anna Joaquinna, de 25 anos, que vivia com seus 4 filhos e 2 escravizados. Não houve menção a seu marido na Lista Nominativa – e a outra solteira – Izabel Correia, de 47 anos, que vivia com seus 4 escravizados. Tratando das faixas etárias, as proprietárias mulheres com 60 anos ou mais eram mais frequentes (38,09%), seguidas daquelas com idade entre 50

e 59 anos, com representatividade de 23,81%, o que muito possivelmente estava relacionado ao estado de viuvez frequente entre as proprietárias.

A tabela 28 a seguir ilustra o perfil das proprietárias viúvas, considerando as faixas de idade e faixas de tamanho de plantel:

Tabela 28 – Frequência de proprietárias viúvas por FTP, faixa de idade e estado conjugal – Campinas (1809)

Faixas de idade	FTP						Total
	1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
18 a 29	1	1	-	-	-	-	2
30 a 39	1	1	-	-	-	-	2
40 a 49	-	-	2	-	-	-	2
50 a 59	3	2	-	-	-	-	5
60 ou mais	2	4	1	-	1	-	8
Total	7	8	3	-	1	-	19

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Além de uma correlação positiva entre o avanço nas faixas de idade e a frequência das proprietárias, pode-se observar que não havia uma faixa de tamanho de plantel que se mantinha como a mais frequente nas diversas faixas de idade, o que evidencia uma heterogeneidade maior da estrutura de posse das proprietárias, em relação à idade das mesmas. Porém, a faixa de tamanho de plantel mais frequente foi aquela com entre 2 e 5 elementos, olhando além das faixas de idade. Nesse contexto, o perfil típico da proprietária do sexo feminino era: viúva, branca e 60 anos ou mais de idade e com escravaria contendo entre 2 a 5 escravizados. Era nesse perfil que se enquadrava Maria Buena, de 70 anos, que, juntamente com seu agregada Anna, de 40 anos, e seus 5 escravizados Figenia, Maria, João, Jozefa e Bernadino, vivia da agricultura de víveres.

5.3.2 OS ESCRAVIZADOS EM CAMPINAS

Conforme apresentado anteriormente, dos 1.772 escravizados²² residentes em Campinas no ano de 1809, 1.173 (66,20%) eram homens, enquanto 599 (33,80%) eram mulheres, resultando assim numa razão de sexo de 195,83. Em relação à cor, o contingente escravizado era constituído da seguinte forma: 1.644 (92,78%) eram negros, 126 (7,11%) eram pardos e 2 (0,11%) eram brancos. A análise conjunta das

²² Diferentemente da Lista Nominativa de Habitantes para Guaratinguetá, a Lista para Campinas não trouxe a informação sobre a origem dos escravizados. Portanto, a análise segregada por origem não pôde ser realizada para a presente vila.

variáveis cor e sexo, demonstrada na tabela 29, evidenciou que a maior parte dos indivíduos negros eram homens, com razão de sexo de 208,44, enquanto a maioria dos indivíduos pardos eram mulheres, com razão de sexo de 93,85.

Tabela 29 – População escravizada por sexo e cor – Campinas (1809)

Sexo	Negros	%	Pardos	%	Total	%
Masculino	1.111	67,58	61	48,41	1.172	66,21
Feminino	533	32,42	65	51,59	598	33,79
Total	1.644	100,00	126	100,00	1.770*	100,00*

* Essa tabela não leva em consideração os escravizados brancos, por isso o total de indivíduos é de 1.770 , ao invés dos 1.772 escravizados citados anteriormente.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Sob a perspectiva das faixas de tamanho de plantel, foi mencionado anteriormente que mais da metade (55,47%) dos escravizados estavam nos grandes plantéis, com mais de 21 elementos. Trazendo a análise do sexo e faixas de idade dos escravizados frente às faixas de tamanho de plantel, verifica-se que a tendência de concentração nas escravarias maiores era uma máxima. A tabela 30 a seguir demonstra a frequência dos escravizados por FTP, faixa de idade e sexo:

Tabela 30 – Frequência de escravizados por FTP, faixa de idade e sexo – Campinas (1809)

Faixas de idade	Sexo	FTP						Total
		1	2 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 +	
0 a 9	Masculino	5	18	16	9	11	70	129
	Feminino	3	13	21	9	4	67	117
10 a 19	Masculino	2	38	46	24	23	150	283
	Feminino	6	28	24	7	16	50	131
20 a 29	Masculino	7	43	35	19	37	276	417
	Feminino	8	27	23	8	15	118	199
30 a 39	Masculino	2	24	21	6	33	128	214
	Feminino	2	17	11	4	9	35	78
40 a 49	Masculino	2	9	12	2	11	41	77
	Feminino	3	6	9	6	3	16	43
50 a 59	Masculino	1	6	4	6	5	16	38
	Feminino	2	6	2	1	2	7	20
60 ou mais	Masculino	2	2	3	-	1	7	15
	Feminino	1	3	2	-	3	2	11
Total		46	240	229	101	173	983	1.772

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Observa-se, portanto, que independentemente da faixa de idade e do sexo, o maior número de escravizados estava concentrado nos grandes plantéis. A única exceção à regra foram as mulheres com 60 anos ou mais, que tinham uma frequência bimodal entre as escravarias de 2 a 5 elementos e aquelas de 11 a 15 elementos. Os

escravizados em idade produtiva, 1.301 (73,42%), da mesma forma, estavam em sua maior parte (62,11%) nas escravarias com 21 elementos ou mais.

Por fim, no que tange ao estado conjugal dos escravizados, 1.312 (74,04%) eram solteiros, 435 (24,55%) eram casados e os 25 (1,41%) restantes eram viúvos. De fato, tais proporções se mantiveram em grande medida estáveis entre as faixas de tamanho de plantel, evidenciando que o estado conjugal do escravizado não estava correlacionado com o tamanho da escravaria domiciliar que o mesmo estava inserido. A exceção eram as escravarias unitárias, onde os casados eram menos representativos que os viúvos, como será apresentado mais à frente.

Tendo sido realizado esse panorama geral acerca das características econômicas e demográficas gerais da localidade de Campinas no ano de 1809, o próximo tópico abordará os atributos econômicos e demográficos dos domicílios com escravarias unitárias, os tamanho de escravaria modal da localidade.

5.4 OS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIAS UNITÁRIAS EM CAMPINAS

Entre os 199 domicílios que possuíam plantéis de escravizados em Campinas, 46 (23,12%) deles possuíam escravarias unitárias. Esse tamanho de escravaria foi o mais frequente no ano analisado, e os 46 escravizados que residiam nesses domicílios representavam 2,60% da massa cativa total da localidade. Em adição, considerando que era de 255 a soma de todos os moradores que residiam em domicílios com 1 escravizado, os escravizados representavam 18,04% deles, percentual que fica abaixo daquele verificado para a localidade como um todo: 35,12% dos habitantes de Campinas em 1809 eram escravizados.

Os fogos com escravaria unitária possuíam em média de 5,54 habitantes, ou seja, eram domicílios menores do que a média da localidade, com 8,34 residentes por domicílio. Além disso, esses fogos possuíam tamanhos menos variáveis, com desvio padrão de 2,60 frente a um de 9,36 para a localidade como um todo. Dos 255 habitantes desses domicílios, 130 (52,87%) eram homens e 125 (47,12%) eram mulheres, resultando numa razão de sexo de 104,38, menor do que aquela verificada para toda a Vila, de 125,48. A distribuição dos residentes por sexo e condição social está discriminada na tabela 31 abaixo:

Tabela 31 - Distribuição da população residente em fogos com apenas um escravizado por sexo e condição social – Campinas (1809)

Sexo	Livres	%	Escravizados	%	Total	%
Masculino	109	52,15	21	45,65	130	52,87
Feminino	100	47,85	25	54,35	125	47,12
Total	209	100,00	46	100,00	255	100,00

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Diferentemente do que ocorria para o agregado da localidade, nesses fogos a maioria dos livres eram homens, com razão de sexo de 109, enquanto a maioria dos escravizados eram mulheres, com uma razão de sexo de 84. Conforme comentado para a vila de Guaratinguetá, a predominância do sexo feminino entre os escravizados nos plantéis unitários provavelmente deve-se ao preço mais barato das escravizadas, conforme argumentou Motta et. al. (2004).

Em termos econômicos, a parcela majoritária (65,22%) dos domicílios com escravarias unitárias dedicava-se de forma principal à agricultura, por meio de duas ocupações dos chefes de domicílio: agricultor e planta mantimentos. A tabela 32 apresenta a distribuição das ocupações principais e acessórias dos fogos com escravarias unitárias:

Tabela 32 – Distribuição das ocupações principais e acessórias dos fogos com um escravizado – Campinas (1809)

Ocupação	Frequência como ocupação principal	%	Frequência como ocupação acessória	%
Agricultor	23	50,00	-	-
Planta mantimentos	7	15,22	-	-
Vive de esmolas	4	8,70	-	-
Vive de ofício	3	6,52	-	-
Vive de negócios	3	6,52	-	-
Indeterminado	2	4,35	-	-
Vive de arrendar cavalos	1	2,17	-	-
Vive de fiar	1	2,17	-	-
Vive de suas costuras	1	2,17	-	-
Vive de seu emprego	1	2,17	-	-
Partido de fazer açúcar	-	-	2	66,67
Oficial de Carapina	-	-	1	33,33
Total	46	100,00	3*	100,00*

* Ao contrário da ocupação principal, que está presente e é única para cada domicílio, as ocupações acessórias não estão presentes em todos eles, ao passo que um mesmo fogo pode contar com mais de uma ocupação acessória.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

O fato de 4 domicílios viverem de esmolas chama a atenção, já que essa ocupação era a terceira mais frequente desenvolvida na vila. Os escravizados, à

época, eram considerados ativos valiosos, e portanto causa alguma estranheza a relevância dos proprietários que viviam de esmolas. As possíveis condições para essa condição serão discutidas mais à frente, porém pode-se adiantar que as características dos senhores e escravizados eram fatores determinantes.

No que tange à produção dos fogos com um único escravizado, foram identificados somente gêneros agrícolas sendo produzidos, aqueles tipicamente de subsistência, com destaque para o milho e o feijão. Contudo, houve uma pequena produção de açúcar por aqueles dois fogos que possuíam partido de fazer açúcar. A tabela 33 traz a produção dos domicílios com um único escravizado de cada um dos gêneros agrícolas, e sua representatividade frente a produção dos domicílios com escravaria e dos domicílios totais:

Tabela 33 – Gêneros agrícolas produzidos nos fogos com um escravizado – Campinas (1809)

Gênero	Unidade de medida	Quantidade produzida	% produção fogos com escravaria	% produção fogos totais
Milho	alqueires	2.732	16,25	7,10
Feijão	alqueires	179	11,03	6,91
Açúcar*	arrobas	124	0,23	0,23
Arroz	alqueires	60	17,96	10,77
Algodão	arrobas	27	26,21	15,52

*Em Açúcar foram englobadas as qualidades açúcar alvo, açúcar redondo e açúcar mascavo.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Calculando a produtividade média do cultivo de gêneros agrícolas nesses fogos, levando em conta a média por residente em idade produtiva²³, 15 a 49 anos, verificou-se que os domicílios com apenas um escravizado geravam um índice de produtividade média geralmente acima daquele observado na totalidade de fogos com escravaria, ou para a localidade como um todo, conforme pode ser analisado na tabela 34 a seguir:

²³ Vale destacar, mais uma vez, que com exceção dos açúcar, os demais gêneros não tiveram suas quantidades discriminadas na 6^a Companhia de Ordenanças. Assim, o índice de produtividade desses gêneros leva em conta os dados para as 5 primeiras Companhias, enquanto o açúcar leva em conta os dados completos da vila.

Tabela 34 – Produtividade média por ocupação e tipo de domicílio – Campinas (1809)

Gênero	Produtividade média total	Produtividade média fogos sem escravizados	Produtividade média fogos com escravizados	Produtividade média fogos com 1 escravizado
Milho	18,56	23,00	14,85	26,02
Feijão	1,25	1,02	1,43	1,71
Açúcar*	18,83	-	29,58	0,99
Arroz	0,27	0,24	0,30	0,57
Algodão	0,08	0,08	0,09	0,25

Havia, na localidade como um todo, 125 indivíduos em idade produtiva vivendo em domicílios com apenas 1 escravizado. Nas cinco primeiras Companhias de Ordenanças, havia 105 indivíduos em idade produtiva vivendo em domicílios com apenas 1 escravizado.

*Em Açúcar foram englobadas as qualidades açúcar alvo, açúcar redondo e açúcar mascavo.

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

O fato da produtividade nos plantéis unitários ser superior àquela observada para o conjunto dos fogos com escravaria podia dever-se à variáveis não observados pelas listas nominativas, como os demais fatores de produção: terras e técnicas empregadas.

A exceção está na produção de açúcar, a qual a produtividade dos domicílios com apenas um elemento no plantel foi expressivamente inferior àquela calculada para os fogos totais, ou ainda os fogos com qualquer tamanho de escravaria. Esse resultado era esperado, uma vez que a produção dos fogos com escravarias unitárias era marginal, composta apenas pelos “fazedores de açúcar de partido”, que não detinham engenhos.

5.4.1 OS PROPRIETÁRIOS DE UM ESCRAVIZADO EM CAMPINAS

Entre os 46 proprietários de apenas um escravizado, 39 (84,78%) eram homens e 7 (15,22%) eram mulheres, obtendo-se assim uma razão de sexo de 557,14, que era inferior àquela observada para os proprietários de qualquer tamanho de escravaria como um todo. Todas as proprietárias eram brancas, bem como 36 (78,26%) dos proprietários homens. Os demais senhores eram pardos. Em relação ao estado conjugal, 34 (87,18%) proprietários do sexo masculino eram casados, 3 (7,69%) eram solteiros, 1 (2,56%) era viúvo e 1 (2,56%) era eclesiástico. Por outro lado, todas as 7 proprietárias do sexo feminino eram viúvas. A tabela 35 a seguir demonstra como se davam as frequências dos proprietários e proprietárias conforme sexo e estado conjugal, em conjunto, e ainda adicionando a variável idade:

Tabela 35 – Frequência de proprietários por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Campinas (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Estado Conjugal				Total
		Casados	Solteiros	Viúvos	Eclesiásticos	
18 a 29	Masculino	11	-	-	-	11
	Feminino	-	-	1	-	1
30 a 39	Masculino	9	1	1	1	12
	Feminino	-	-	1	-	1
40 a 49	Masculino	9	-	-	-	9
	Feminino	-	-	-	-	-
50 a 59	Masculino	3	-	-	-	3
	Feminino	-	-	3	-	3
60 ou mais	Masculino	2	2	-	-	4
	Feminino	-	-	2	-	2
Total		34	3	8	1	46

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

A maior parte (33,33%) dos proprietários homens possuíam entre 30 e 39 anos, enquanto as mulheres majoritariamente (57,14%) tinham idades iguais ou superiores a 60 anos. Com essas informações, tornou-se possível moldar o perfil demográfico dos proprietários e proprietárias de plantel unitário: o proprietário do sexo masculino típico era branco, casado, com idade entre 18 e 29 anos – como é o caso do soldado miliciano Jozé Elias de Godoy, de 23 anos, que vivia com sua esposa Maria Justa, de 22 anos, seu filho de 9 meses e seu escravizado de 7 anos, ambos chamados Antonio – enquanto a proprietária do sexo feminino típica era branca, com idade igual ou superior a 60 anos, e viúva – caracterização em que se enquadrava Maria Ribeira, que com 73 anos era a proprietária mais velha da localidade. Maria vivia com 5 agregados e com Leocadia, escravizada parda de 69 anos. É relevante mencionar o perfil típico da proprietária de apenas um escravizado se manteve idêntico ao observado para a proprietária de qualquer faixa de tamanho de plantel, entretanto, o perfil típico do proprietário de escravaria unitária se mostrou mais jovem que aquele verificado para os senhores em geral.

Adicionando à análise dos proprietários e proprietárias os atributos econômicos dos domicílios, já tratados anteriormente, verificou-se que, entre as 7 proprietárias mulheres, 3 (42,85%) viviam de esmolas, 2 (28,57%) eram agricultoras, 1 (14,29%) vivia de fiar e 1 (14,29%) vivia de suas costuras. Entre os proprietários homens, 21 (53,85%) eram agricultores, 7 (17,95%) plantavam mantimentos, 3 (7,69%) viviam de negócios, 3 (7,69%) viviam de ofício e 2 (5,13%) possuíam ocupação indeterminada. Entre os restantes, 1 (2,56%) vivia de arrendar cavalos, 1 (2,56%) vivia de seu

emprego e 1 (2,56%) vivia de esmolas. A tabela 36 abaixo tabula as atribuições de ocupação principal do fogo vis-à-vis as características de sexo e idade dos proprietários:

Tabela 36 – Frequência de proprietários por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Campinas (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Ocupação Principal do Fogo					Total
		Agricultor	Planta Mantimentos	Vive de esmolas	Vive de Negócios	Outros	
20 a 29	Masculino	7	2	-	1	1	11
	Feminino	-	-	1	-	-	1
30 a 39	Masculino	5	1	-	1	5	12
	Feminino	-	-	-	-	1	1
40 a 49	Masculino	6	2	-	-	1	9
	Feminino	-	-	-	-	-	-
50 a 59	Masculino	1	1	1	-	-	3
	Feminino	-	-	2	-	1	3
60 ou mais	Masculino	2	1	-	1	-	4
	Feminino	2	-	-	-	-	2
Total		23	7	4	3	9	46

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Essa distribuição das ocupações entre os proprietários demonstra que, por mais que todos esses fogos possuíssem apenas um escravizado, as atividades desempenhadas relacionadas à agricultura tendiam a estar vinculadas aos proprietários homens. Além disso, a idade dos senhores pareceu relevante para justificar, por exemplo, a questão dos que viviam de esmola: a maior parte deles estava na faixa dos 50 a 59 anos, fora, portanto da idade produtiva. Naturalmente, poderiam haver outras forças para além do sexo e idade do proprietário que poderiam justificar tais diferenças nas ocupações exercidas, como a mão de obra familiar disponível e as características de sexo e idade dos escravizados.

5.4.2 OS ESCRAVIZADOS SOLITÁRIOS EM CAMPINAS

No que se refere às características demográficas dos 46 escravizados em plantéis unitários, verificou-se que 21 (45,65%) eram do sexo masculino, enquanto 25 (54,35%) eram do sexo feminino, gerando assim um razão de sexo de 84,0. Trata-se de uma razão muito diferente daquela registrada para a totalidade da escravaria de Campinas, independentemente da faixa de tamanho de plantel, 195,83, o que evidencia que as escravarias unitárias destoavam, pelo menos em relação ao sexo,

da tendência da localidade. Em relação à cor dos indivíduos escravizados, a grande maioria era negra (82,61%), sendo o restante pardos (17,39%).

Introduzindo os estados conjugais e a idade ao perfil demográfico dos escravizados em plantéis unitários, dos 46 escravizados listados, 42 eram solteiros (91,30%). Dos restantes, 2 (4,35%) eram casados – Paulina e João, de 52 e 61 anos, respectivamente – e 2 (4,35%) eram viúvos – Miguel e Pedro, de 60 e 50 anos, respectivamente. Quantos às idades, predominavam aqueles com idade entre 20 e 29 anos, eram 15 (32,61%). O detalhamento das frequência de idades, bem como o cruzamento com o sexo e estado conjugal, pode ser verificado na tabela 37 abaixo:

Tabela 37 – Frequência de escravizados por faixa de idade, sexo e estado conjugal – Campinas (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Estado Conjugal			Total
		Casados	Solteiros	Viúvos	
0 a 9	Masculino	-	5	-	5
	Feminino	-	3	-	3
10 a 19	Masculino	-	2	-	2
	Feminino	-	6	-	6
20 a 29	Masculino	-	7	-	7
	Feminino	-	8	-	8
30 a 39	Masculino	-	2	-	2
	Feminino	-	2	-	2
40 a 49	Masculino	-	1	-	1
	Feminino	-	3	-	3
50 a 59	Masculino	-	-	1	1
	Feminino	1	1	-	2
60 ou mais	Masculino	1	-	1	2
	Feminino	-	1	-	1
Total		2	42	2	46

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Pode-se inferir da tabela acima que tanto os casados quanto viúvos possuíam idade avançada, enquanto os solteiros se concentravam nas faixas de idade mais ternas. Além disso, as escravizadas eram maioria em todas as faixas de idade, exceto a primeira, em que haviam mais homens. Por fim, concluiu-se que o perfil demográfico mais frequente dos escravizados residentes em domicílios com um único elemento no plantel era: mulher, negra, solteira, com idade entre 20 e 29 anos, como era o caso de Barbara, de 26 anos, único elemento do plantel do agricultor Antonio Alves da Silva, de 41 anos.

Atrelando as características econômicas às demográficas mencionadas acima, tornou-se possível avaliar se as ocupações desempenhadas pelos domicílios com

escravarias unitárias acompanham, em alguma medida, os atributos dos escravizados. A tabela 38 a seguir detalha as frequências por faixa de idade, sexo e ocupação principal do chefe do domicílio em que estavam alocados. Nota-se que os escravizados mais jovens estavam alocados nos domicílios dedicados à agricultura propriamente dita, enquanto os mais velhos eram maioria entre os que desempenhavam outras atividades.

Tabela 38 – Frequência de escravizados por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Campinas (1809)

Faixa de Idade	Sexo	Ocupação Principal do Fogo					Total
		Agricultor	Planta Mantimentos	Vive de esmolas	Vive de Negócios	Outros	
0 a 9	Masculino	4	-	-	-	1	5
	Feminino	2	-	-	-	1	3
10 a 19	Masculino	1	1	-	-		2
	Feminino	4	1	-	1		6
20 a 29	Masculino	4	2	-	-	1	7
	Feminino	4	1	1	1	1	8
30 a 39	Masculino	-	-	-	-	2	2
	Feminino	-	-	-	1	1	2
40 a 49	Masculino	1	1	-	-	-	2
	Feminino	2	-	-	-	1	3
50 a 59	Masculino	-	-	-	-	-	-
	Feminino	-	-	1	-	1	2
60 ou mais	Masculino		1	2	-	-	3
	Feminino	1	-	-	-	-	1
Total		23	7	4	3	9	46

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

A tabulação evidencia que os domicílios que tinham “agricultor” como sua ocupação principal concentravam os escravizados mais jovens, enquanto os mais velhos estavam naqueles fogos que viviam de esmolas. A idade avançada dos escravizados, portanto, poderia ser um dos fatores determinantes para a ocupação de recolher esmolas verificada. De fato, no caso do fogo liderado pela viúva Mariana Rodrigues, de 26 anos, a vida dependente de esmolas parecia justificar-se seja pela terna idade de seu filho João, 10 anos, seja pela idade avançada de Pedro, seu escravizado, 50 anos. Embora estivesse na idade produtiva, a viúva provavelmente não dominava nenhum ofício, já que acabou por viver das doações de outrem.

Tratando do sexo dos escravizados, num cenário em que o seu sexo não possui correlação com a atividade desempenhada, deveria haver mais mulheres em todas as ocupações, já que elas são a maioria dos escravizados. Isso, de fato, é observado para todas as ocupações que são desenvolvidas por ambos os sexos, exceto “planta

mantimentos". Assim, poder-se-ia dizer que, pelo menos para essa atividade, o sexo do escravizado correlacionava-se com a ocupação do domicílio, porém, trata-se afirmação que podia estar sendo cometida pelo problema do baixo número de observações. Nesse sentido, apenas pode-se afirmar que não era evidente uma correlação clara entre sexo do escravizado e ocupação desenvolvida.

Discutindo sobre a produção dos domicílios com plantéis unitários, procurou-se observar se as características demográficas dos escravizados, em especial sexo e idade, estavam relacionadas ao montante agrícola cultivado nos domicílios para aquele ano. Em primeiro lugar, tabulou-se as médias e os respectivos desvios padrão da produção de cada gênero segundo o sexo do escravizado, conforme a tabela 39:

Tabela 39 – Média e desvio padrão da produção por gênero e sexo do escravizado – Campinas (1809)

Sexo	Indicador	Milho	Feijão	Arroz	Algodão	Açúcar*
Masculino	Média	124,18	11,50	20	-	62,00
	Desvio Padrão	114,68	8,94	-	-	30,00
Feminino	Média	145,00	12,43	20	13,50	-
	Desvio Padrão	120,29	7,98	-	6,50	-

*Em Açúcar foram englobadas as qualidades açúcar alvo, açúcar redondo e açúcar mascavo.

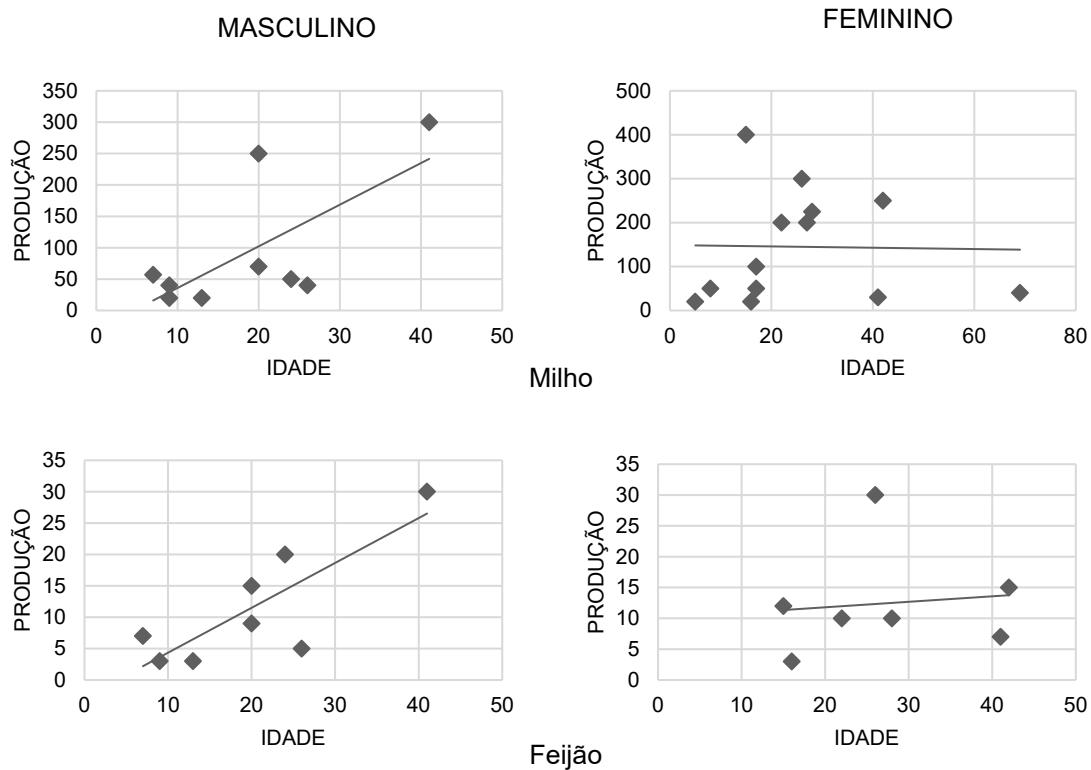
Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

No caso de todos os produtos cultivados em mais de um fogo em cada faixa de sexo do escravizado, a produção média nos domicílios com escravaria feminina foi maior do que a média dos domicílios com escravarias masculina, exceto no caso do arroz, em que a produção média foi igual para ambos os sexos. Assim, se supormos que toda a mão de obra fosse escravizada, estaria evidente que a produtividade feminina era superior à masculina. Por outro lado, as variâncias da produção, principalmente do milho e do feijão, apontam para montantes de produção bastante dispersos, independente do sexo do escravizado, com exceção novamente dos fogos produtores de arroz.

Observando o impacto da idade do escravizado sob a produção do milho e do feijão, únicas culturas que possuíam mais de dois domicílios produtores e que as quantidades cultivadas durante o ano não eram constantes, notou-se que, entre os fogos com escravaria masculina, havia uma tendência clara de incremento da produção à medida que avançava a idade do escravizado, em ambos os gêneros. Já entre as escravizadas mulheres, a produção de milho tendia a diminuir com o envelhecimento das escravizadas, e o oposto acontecia no caso do feijão. A figura 10

abaixo ilustra as dispersões. De todo modo, as curvas de tendência observadas para as escravarias femininas tinham inclinações tímidas quando comparadas àquelas observadas para as escravarias masculinas, ou seja, a idade do escravizado parecia ser mais determinante para a produção a depender do seu respectivo sexo.

Figura 10 – Produção dos domicílios, por gênero alimentício, sexo e idade do escravizado – Campinas (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

5.4.3 OS OUTROS MORADORES DOS DOMICÍLIOS COM ESCRAVARIA UNITÁRIA EM CAMPINAS

Tendo sido analisadas as características demográficas e econômicas relativas aos proprietários e aos escravizados, faz-se relevante um panorama dos demais habitantes dos fogos com escravaria unitária. Desconsiderados os chefes de domicílio e os escravizados, 163 (63,92%) outros moradores residiam nesses domicílios sob análise. Em geral, tratava-se da família do proprietário, principalmente cônjuges (21,47%), filhos (55,83%) e irmãos (0,61%), mas também apareciam agregados (19,64%), juntamente com suas famílias (2,45%). A tabela 40 abaixo enumera esses moradores livres por faixa de idade, cor, sexo do indivíduo e sexo do chefe do domicílio:

Tabela 40 – Frequência dos outros moradores por faixa de idade, sexo e ocupação principal do fogo – Campinas (1809)

Faixa de Idade	Sexo / Cor	Proprietário Homem		Proprietária Mulher		Total
		Branco	Pardo	Branco	Pardo	
0 a 9	Masculino	43	3	1	-	47
	Feminino	24	3	3	-	30
10 a 19	Masculino	6	2	4	-	12
	Feminino	18	2	3	-	23
20 a 29	Masculino	2	2	3	-	7
	Feminino	14	3	1	1	19
30 a 39	Masculino	2	1	-	-	3
	Feminino	15	-	1	-	16
40 a 49	Masculino	-	-	1	-	1
	Feminino	1	-	-	-	1
50 a 59	Masculino	-	-	-	-	-
	Feminino	2	-	-	-	2
60 ou mais	Masculino	-	-	-	-	-
	Feminino	1	1	-	-	2
Total		128	17	17	1	163

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

Pelo disposto na tabela acima, nota-se que havia mais mulheres entre esses outros moradores dos domicílios, eram 93 (57,06%) moradoras, o que gera uma razão de sexo de 75,27. Além disso, quanto à cor, a maior parte (88,96%) era branca, e não haviam negros. Por outro lado, é relevante comentar que 88,96% dessa população residia em domicílios chefiados por homens. Considerando que eram 39 os fogos com chefes do sexo masculino e 7 os com chefes do sexo feminino, verificava-se uma média de 3,71 moradores livres – desconsiderando o proprietário – para os domicílios chefiados por homens, frente a uma média de 2,57 moradores livres – desconsiderando a proprietária – para os domicílios chefiados por mulheres.

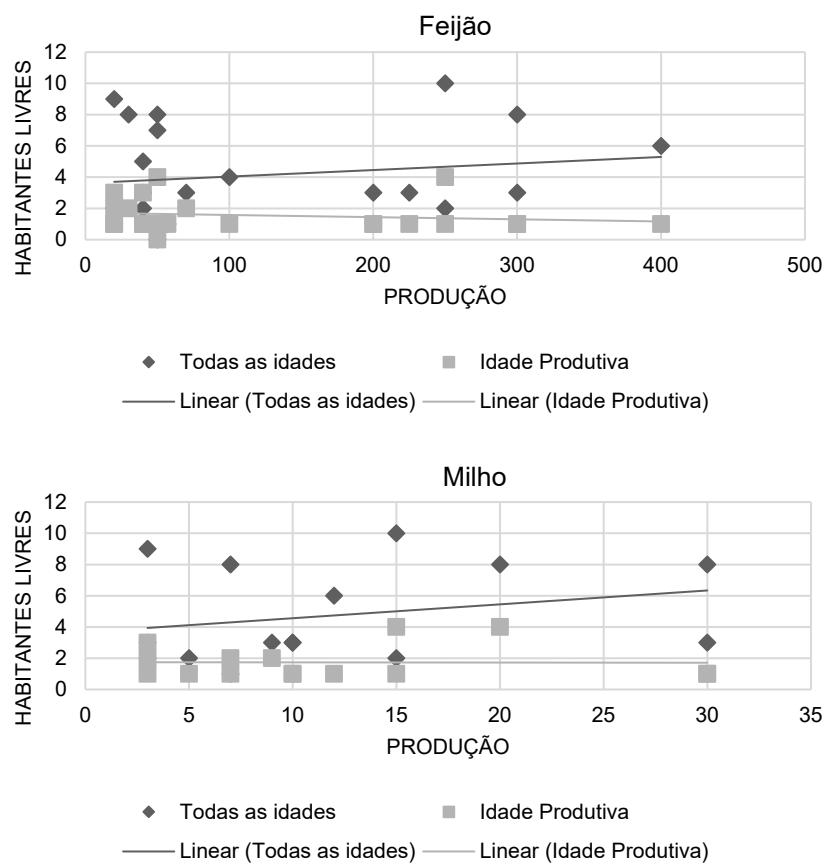
Do ponto de vista das faixas de idade, os domicílios chefiados por homens concentravam majoritariamente habitantes livres na faixa dos 0 a 9 anos, enquanto aqueles liderados por mulheres possuíam mais habitantes livres na faixa dos 10 aos 19 anos. Em relação aos indivíduos em idade produtiva, eram 54 (37,24%) entre os fogos de proprietários masculinos, e 9 (50,0%) entre os de proprietárias mulheres. Esses dados parecem, enquanto nos domicílios liderados por homens predominava uma estrutura etária de crescimento natural, os domicílios liderados por mulheres, devido à idade avançada e viuvez das chefes, estavam estagnados.

Sobre as ocupações desempenhadas pelos domicílios, verificou-se que 73 (57,06%) dos residentes livres viviam em fogos cuja a ocupação principal era de

agricultor, 28 (17,18%) viviam em fogos cujos membros plantavam mantimentos, 14 (8,59%) estavam naqueles domicílios que viviam de negócios e 8 (4,91%) viviam em domicílios cuja a esmola era o meio de vida. Essas quatro ocupações contemplavam 143 (87,73%) dos indivíduos. A distribuição verificada estava, em boa medida, alinhada com a frequência das ocupações principais entre os fogos com escravaria unitária: de fato, a maior parte dos fogos também estavam dedicados à agricultura e ao plantio de mantimentos.

Quando analisada a produção dos domicílios com plantéis unitários em relação ao número de indivíduos livres residentes – com exceção ao chefe do fogo – verificou-se o padrão descrito na figura 11 abaixo:

Figura 11 – Produção de feijão e milho por habitantes livres (exceto chefe do fogo) – Campinas (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Campinas para o ano de 1809.

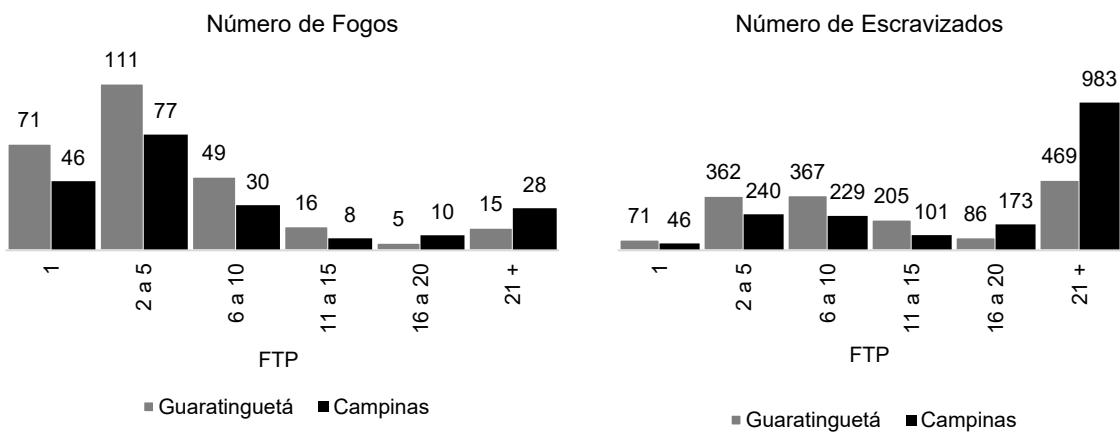
Tanto na cultura do feijão quanto na do milho a produção dos gêneros era positivamente relacionada ao número total de moradores livre nos domicílios, o que poderia ser explicado pela necessidade de consumo de víveres pela própria família. Entretanto, ao observar apenas o número de indivíduos em idade produtiva, não é

observada um tendência de crescimento da produção relacionada ao tamanho do fogo. Esses dados poderiam apontar numa direção em que a mão de obra livre dos habitantes livres no domicílio, para além do chefe, não era tão difundida, considerando tudo o mais constante. Naturalmente, uma preposição de tudo o mais constante é bastante forte, já que poderiam haver diversos outros fatores não observáveis impactando a produção dos domicílios, como por exemplo, extensão de terras e técnicas de cultivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação dos resultados verificados para Campinas e Guaratinguetá ao longo desse trabalho, ao que tange seus atributos demográficos e econômicos gerais e suas estruturas de posse no ano de 1809, demonstram que as duas localidades possuíam disposições que divergiam em diversos pontos. Muito disso poderia estar relacionado ao momento econômico de cada uma das vilas: enquanto Guaratinguetá se enquadrava num momento de transição econômica, com grande representatividade das atividades de subsistência, Campinas estava no *boom* do açúcar. De qualquer modo, em ambas as vilas, o tamanho de escravaria mais comum era aquele com apenas um escravizado: 71 (26,59%) em Guaratinguetá e 46 (23,12%) em Campinas, ou seja, a despeito das características específicas das localidades, cerca de um quarto dos fogos com escravizados possuía apenas um indivíduo em seu plantel. De fato, como pode ser observado na figura 12 abaixo, o padrão distributivo da estrutura de posse era, em boa medida, semelhante nas duas localidades, salvo a diferença no nível identificada: um concentração à esquerda no número de fogos. Além disso, Campinas detinha uma maior concentração de escravizados nos grandes plantéis, reflexo da produção do açúcar, que evidenciava uma maior desigualdade distributiva de escravizados do que Guaratinguetá. Assim, ainda que com discrepâncias conjunturais relevantes, os dados corroboram o que a literatura especializada já havia enunciado: predominavam as escravarias miúdas, e dentre elas, as unitárias eram objeto de destaque.

Figura 12 - Distribuição de fogos e escravizados por FTP – Guaratinguetá e Campinas (1809)



Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá e Campinas para o ano de 1809.

O perfil econômico dos domicílios com plantéis unitários era, em grande medida, semelhante: a agricultura de subsistência figurava como a atividade principal desempenhada nas duas vilas e o plantio de milho, feijão, arroz e algodão configuravam as culturas mais praticadas entre os moradores dos domicílios. Ainda assim, Campinas possuía percentual superior de domicílios, e também residentes, dedicados à plantação, ao passo que os fogos que viviam de ofício e negócios eram mais expressivos em Guaratinguetá, como pode-se verificar na tabela 41 abaixo. Assim, por mais que ambas as localidades estivessem centradas na agricultura, os domicílios com escravarias unitárias em Guaratinguetá apontavam para um perfil econômico mais “urbanizado” da vila, em relação à Campinas.

Tabela 41 – Distribuição das ocupações principais dos fogos com um escravizado – Guaratinguetá e Campinas (1809)

Ocupação	Frequência como ocupação principal – Guaratinguetá	%	Frequência como ocupação principal – Campinas	%
Agricultor	22	30,99	23	50,00
Vive de Ofício	22	30,99	3	6,52
Planta mantimentos	9	12,68	7	15,22
Vive de negócios	6	8,45	3	6,52
Eclesiástico	4	5,63	-	-
Vive de esmolas	-	-	4	8,70
Outros	8	11,26	6	13,04
Total	71	100,00	46	100,00

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá e Campinas para o ano de 1809.

Ainda tratando-se das atividades econômicas, Campinas mostrou-se um polo de produção açucareira mais significativo do que Guaratinguetá em 1809, do ponto de vista de montante, e isso trouxe reflexos nos domicílios com escravarias unitárias: havia fogos campineiros que se dedicavam à feitura de açúcar de partido, contribuindo para o todo da produção do gênero, enquanto em Guaratinguetá o açúcar era produto exclusivo de fogos com pelo menos 4 escravizados. Essa diferença evidencia que, em Campinas, por mais que o status de senhor de engenho ainda estivesse com os proprietários de plantéis maiores, e Campinas fosse mais desigual do ponto de vista da distribuição de escravizados, a cultura do açúcar contava com certa descentralização.

As produtividades médias, em relação à população com idade produtiva, calculadas para os domicílios com escravarias unitárias de Guaratinguetá mostraram-se geralmente abaixo daqueles obtidos para os fogos com escravaria em geral. O

oposto foi observado para Campinas, onde os domicílios com apenas um escravizado mostraram-se, em média, mais produtivos do que os fogos com escravaria em geral. Esse resultado comparativo pode ser verificado na tabela 42 abaixo: Tal discrepância poderia dever-se tanto ao momento econômico das localidades, quanto à fatores não observados nas Listas Nominativas, como extensão das terras cultiváveis dos domicílios e técnicas empregadas, contudo não deixa de ser um resultado bastante instigante.

Tabela 42 – Produtividade média (PM) por ocupação e tipo de domicílio – Guaratinguetá e Campinas (1809)

Gênero	PM fogos com escravizados - Guaratinguetá	PM fogos com 1 escravizado - Guaratinguetá	PM fogos com escravizados - Campinas	PM fogos com 1 escravizado - Campinas
Milho	24,61	4,81	14,85	26,02
Feijão	2,58	1,67	1,43	1,71
Arroz	3,10	1,45	0,30	0,57
Farinha	1,09	0,35	-	-
Algodão	0,15	0,33	0,09	0,25
Mandioca	0,02	0,16	-	-
Tabaco	0,01	0,11	-	-
Farinha de Mandioca	0,65	0,05	-	-
Açúcar	-	-	29,58	0,99

Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de Guaratinguetá e Campinas para o ano de 1809.

Caso particular, entretanto, era o algodão. Em ambas as vilas, sua produtividade média era mais expressiva entre nos domicílios com planteis unitários do que aqueles com escravaria em geral.

Tanto em Guaratinguetá quanto em Campinas, os proprietários homens de um único escravizado eram majoritários. Seus perfis típicos eram, em grande parte, semelhantes: homens, brancos e casados. Apenas a faixa de idade predominante foi divergente entre as localidades: enquanto em Capinas predominavam os senhores mais jovens, com entre 18 e 29 anos, em Guaratinguetá aqueles com entre 30 e 39 anos de idade eram os majoritários.

Os escravizados eram majoritariamente mulheres nos plantéis unitários de ambas as vilas, por mais que os contingentes totais de escravizados, independentemente da faixa de tamanho de plantel, fossem de maioria masculina, o que provavelmente se devia ao preço mais barato das escravizadas. Da mesma forma, o perfil típico do escravizado foi o mesmo para as duas localidades: mulher, negra, solteira, com idade entre 20 e 29 anos.

A análise do perfil dos demais residentes dos domicílios, excluídos o chefe e o escravizado, revelou a maior parte deles eram crianças entre 0 e 9 anos, brancas, que viviam em fogo chefiado por proprietário do sexo masculino. Em Guaratinguetá, a maior parte dessas crianças eram meninas, enquanto em Campinas, eram meninos. O estudo da correlação do número desses outros residentes na produção dos domicílios com um escravizado evidenciou que, em amas as vilas, um número maior de residentes no fogo estava relacionado à uma produção maior. Porém, a mesma análise, com base nos residentes em idade produtiva, trouxe evidências de que o emprego de mão de obra livre nesses fogos era mais provável em Guaratinguetá do que em Campinas.

Portanto, a presente pesquisa buscou, partindo das Listas Nominativas de Habitantes para Guaratinguetá e Campinas, ano de 1809, caracterizar as estrutura de posse daquelas vilas, das perspectivas demográfica e econômica, com enfoque especialmente nas escravarias unitárias. Através da análise tanto das atividades econômicas e da produção dos domicílios quanto das características dos proprietários, escravizados e demais moradores, os perfis, em boa medida, detalhados dos domicílios que contavam com apenas um escravizado foram elucidados para uma das vilas, e trouxe particularidades significantes em relação aos demais tamanhos de escravaria. Os resultados e tendência verificados, ainda, não foram exatamente semelhantes para ambas as localidades estudadas, o que poderia indicar que fatores locais não observados seriam determinantes no delineamento das características desses domicílios, como é o caso da conjuntura econômica, como amplamente citado anteriormente neste trabalho. Isto traz fôlego para a extensão da pesquisa em trabalhos futuros, por meio da inclusão de novas localidades e diferentes períodos históricos. A observância de um painel amplo sobre as escravarias unitárias, com certeza, contribuiria de forma grandiosa para a historiografia da estrutura de posse e continuaria a caminhada empreendida por este trabalho de elucidação, à luz dos dados, da inegável relevância das escravarias unitárias no quadro geral da estrutura da escravidão brasileira.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

Lista Nominativa dos Habitantes de Guaratinguetá, 1809

Lista Nominativa dos Habitantes de Campinas, 1809

BIBLIOGRAFIA

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. A escravidão miúda em São Paulo colonial. In: SILVA, M. B. N. da (org.). **Brasil**: colonização e escravidão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 239-254.

_____. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. **Locus: revista de história**, 14 (1): 113-132, Juiz de Fora/MG, 2008.

BARROSO, Daniel Souza. **O cativeiro à sombra**: estrutura de posse de cativos e família escrava no Grão-Pará (1810-1888). Tese (Doutorado). Programa de Pós- Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E.; & SANTOS, A. R. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. **Anais do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**, 2012. Acessado em 05 de janeiro de 2022.

HERMANN, Lucila. Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos, **Revista de Administração**, 5 (6) São Paulo, mar/jun. 1948.

LOPES, Luciana Suarez. **Sob os olhos de São Sebastião**: a cafeicultura e as mutações da riqueza em Ribeirão Preto, 1849 – 1900. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. Os proprietários de escravos e a estrutura da posse na antiga freguesia de São Simão, 1835. **Estudos Econômicos**, 42 (2): 363-400, São Paulo: FIPE/USP, abr/jun. 2012.

LUNA, Francisco Vidal. **Minas Gerais**: escravos e senhores. Análise da Estrutura Populacional e Econômica de Alguns Núcleos Mineratórios (1718-1804). São Paulo: IPE/USP, 1981.

_____.; COSTA, Iraci del Nero da. Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. **Estudos Econômicos**, 13 (1): 211-221, São Paulo: FIPE/USP, jan/abr. 1983.

_____. Características Demográficas dos Escravos de São Paulo (1777-1829). **Estudos Econômicos**, 22 (3): 443-483, São Paulo: FIPE/USP, set/dez. 1992.

_____. & KLEIN, Helbert S. Economia e sociedade escravista: Minas Gerais e São Paulo em 1830. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 21 (2): 173-193, Campinas, jul/dez. 2004.

MARCONDES, Renato Leite & GARAVAZZO, Juliana. A propriedade escrava e a hipótese de crescimento vegetativo em Batatais: a classificação de escravos (1875). In: **XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**. Anais. Ouro Preto, 2002.

MOTTA, José Flávio. **Corpos escravos, vontades livres**: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829). 1990. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, 1990.

_____.; NOZOE, Nelson & COSTA, Iraci del Nero da. Às vésperas da abolição: um estudo sobre a estrutura da posse de escravos em São Cristóvão (RJ), 1870. **Estudos Econômicos**, 34 (1): 157-213, jan./mar. 2004.

_____. **Escravos Daqui, Dali e de Mais Além: O Tráfico Interno de Cativos na Expansão Cafеeira Paulista (Areias, Guaratinguetá, Constituição/Piracicaba e Casa Branca, 1861-1887).** São Paulo, Alameda, 2012.

MÜLLER, N. L. **O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba**, Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1969.

OLIVEIRA, Lélio Luiz de. Economia e história: Franca, século XIX. **História Local: 7**, Franca: Unesp/FHDSS; Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo - Colônia**. 6. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

SCHWARTZ, Stuart B. Padrões de propriedade de escravos nas Américas: nova evidência para o Brasil. **Estudos Econômicos**, 13 (1): 259-287, São Paulo: FIPE/USP, jan/abr. 1983.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. **O outro lado da família brasileira**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. Campinas, uma vila colonial (1774-1822). **Revista Brasileira de Estudos de População**, 34(3): 567-59. Belo Horizonte, set/dez. 2017.

VERSIANI, Flávio Rabelo; VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. Posse de escravos e estrutura da riqueza no agreste e sertão de Pernambuco: 1777-1887. **Estudos Econômicos**, 13 (2): 353-393, São Paulo, 2007.